



LENIN RUS AVICUS

1858

UM CLASSICO DO HORROR FOLK

George Sand





LENDAS  
*George Sand*  
RÚSTICAS

Copyright © SERPENTARIUS EDITORA, 2021. Todos os direitos reservados.  
1ª Edição, Campinas/São Paulo.

**TÍTULO ORIGINAL**  
Légendes Rustiques

**EDITOR-CHEFE**  
Raul Dias

**DESIGN DA CAPA**  
Marcus Pallas

**TRADUÇÃO**  
Nathália Rondán

**PREPARAÇÃO E REVISÃO TEXTUAL**  
Elaine D.R da Silva | N.R Revisões

**PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO**  
Amanda Godoy e Robson Gundim

**ILUSTRAÇÕES**  
Maurice Sand

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
de acordo com ISBD

|           |                                                                                                                                                                                        |
|-----------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| S213l     | Sand, George                                                                                                                                                                           |
|           | Lendas Rústicas / George Sand; traduzido por Nathália Rondán; ilustrado por Maurice Sand. - Campinas: Serpentarius Editora, 2021.<br>150 p. ; 14cm x 21cm.                             |
|           | Tradução de: Légendes Rustiques<br>ISBN: 978-65-992037-2-5                                                                                                                             |
|           | 1. Literatura francesa. 2. Clássico. 3. Horror Folk. 4. Sobrenatural. 5. Folclórico. 6. Dark. 7. Crençices. 8. Lendas. 9. Terror. I. Rondán, Nathália. II. Sand, Maurice. III. Título. |
| 2021-1282 | CDD 840<br>CDU 821.133.1                                                                                                                                                               |

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Literatura francesa 840
2. Literatura francesa 821.133.1

# LENDAS RÚSTICAS

*Légendes Rustiques*

de George Sand

TRADUÇÃO  
SAY NATHÁLIA RONDÁN

1ª Edição

DELUXE

Campinas, São Paulo  
Serpentarius Editora

2021



*As ações do homem são o álbum de retratos das suas crenças.*  
**Ralph Waldo Emerson**



# GEORGE SAND

*in memoriam*

*Amandine Aurore Lucile Dupin*

BARONESA  
*de* DUDEVANT

---

**1804 - 1876**

---

## **BIOGRAFIA**

George Sand, pseudônimo de Amandine Aurore Lucile Dupin, Baronesa de Dudevant, nasceu em 01 de julho de 1804 e faleceu em 08 de julho de 1876.

Foi uma romancista e memorialista aclamada, considerada a maior escritora francesa e a primeira mulher a viver de direitos literários em sua época. Seu lar, em Nohant-Vic, foi doado ao governo francês por sua neta e está aberto à visitação pública nos dias de hoje. Seus restos mortais, e de quase toda sua família, descansam em um pequeno cemitério ao lado da casa em que viveu.

## NOTAS DO TRADUTOR

Gosto de dizer que fui apresentada a George Sand por Álvares de Azevedo, pois foi lendo Mácaro é que me deparei com uma citação de Sand, e depois de um pouco de pesquisa descobri que tratava-se de um dos ídolos do meu poeta preferido, e bem, como dizem, ídolo do meu ídolo, é meu ídolo também.

“Foi talvez um delírio, mas foi da cabeça e do coração que se exalaram aqueles cantos selvagens. Foi numa vibração nervosa, com o sangue a galopar-lhe febril pelas veias, com a mente ébria de seu sonho ou do seu pesadelo que ele cantou. Se as fibras da harpa desafinam, se a mão ríspida as estala, se a harpa destoa, é que ele não pensou nos versos quando pensava na poesia, é que ele cria e crê que a estância é uma roupa como outra — apenas, como o diz George Sand — a arte é um manto para as belezas nuas: é que ele preferira deixar uma estátua despida, a pespontar de ouro uma túnica de veludo para embuçar um manequim. É que ele pensa que a música do verso é o acompanhamento da harmonia das idéias e ama cem vezes mais o Dante com sua versificação dura, os rasgos de Shakespeare com seus versos ásperos, do que os alexandrinos feitos a compasso de Sainte-Beuve ou Turquety<sup>1</sup>.”

Foi uma grata surpresa descobrir que George Sand era pseudônimo de uma mulher, Amandine Aurore Lucile Dupin, baronesa de Dudevant, nascida em Paris em 1804. Jornalista do *Le Figaro*, uma mulher divorciada em plena França do século XIX (o marido era alcóolatra e ela só se casou para ter direito a herdar as terras de sua família; pela lei da época mulheres não tinham esse direito) que começou a publicar romances com um pseudônimo masculino. Não só isso, frequentava o meio literário se apresentando como George vestida com roupas masculinas, como também era considerada “escandalosa” por fumar em público e escrever sobre direitos da mulher. Há de se concordar que no século XIX uma mulher precisava se esforçar muito pouco para chocar a sociedade, mas George Sand se negou com certa veemência a deixar-se enquadrar e limitar pelos moldes de sua época e deu-lhes muito o que falar, ficando conhecida como a “mulher que usa calças”.

Sua vida amorosa também era amplamente comentada, por ter sido amante de Jules Sandeau (cujo sobrenome inspirou seu “Sand”), do poeta Alfred de Musset e do pianista Frédéric Chopin. Infelizmente, hoje em dia, Amandine é mais conhecida por ter sido amante de Chopin do que por sua obra literária.

Tinha grande participação política, demonstrando grande preocupação com as desigualdades sociais, e esteve ativamente na revolução de 1848. Suas obras literárias tratavam de críticas sociais tangentes tanto aos direitos da mulher quanto à desigualdade social, geralmente voltando seu olhar para a difícil vida

dos pobres camponeses, sendo por isso enquadrados como romances pastoris.

Amandine também é considerada, por muitos, a maior escritora francesa de todos os tempos e a primeira mulher a viver de direitos literários, tendo alguns de seus romances sido adaptados para o audiovisual na forma de séries e filmes, como *Mauprat* e *La Mare du Diable*.

O estudo de sua obra geralmente se confunde com a análise da misoginia no ramo literário, pois muitos se dedicaram arduamente para que sua fama fosse eternizada como sendo ela apenas “a amante de fulano, a escandalosa que usava calças, a imoral George Sand”. Foi, portanto, igualmente amada e odiada em seu tempo. Charles Baudelaire, por exemplo, certa vez escreveu sobre ela:

“A mulher Sand é o prud homme da imoralidade (...) É estúpida, é chata, é tagarela. Suas ideias sobre a moral têm a mesma profundidade de julgamento de uma mulher-objeto ou de uma dama do entretenimento. O que ela diz da mãe. O que ela diz da poesia. Seu amor pelos operários. Que alguns homens tenham se apaixonado por esta latrina é prova do rebaixamento dos homens deste século (...) Não posso pensar nesta estúpida criatura sem um certo frémito de horror. Se a encontrasse, não poderia impedir-me de atirar-lhe uma pia de água benta à cabeça”.

Já Victor Hugo, no funeral de Sand, disse:

“Choro uma morte e saúdo uma imortal”.

Eu, particularmente, tenho grande admiração por qualquer mulher que faça o status quo tremer de raiva a ponto de quererem lhe atirar uma pia de água benta na cabeça, o som das trincas se propagando pelo patriarcado não é nada além de música para meus ouvidos.

George Sand também é invocada na obra *La Muse du département* (A musa do departamento), de Honoré Balzac, quando este fala da “mulher escritora”, diga-se de passagem, ambos foram grandes amigos em vida. Balzac inclusive era constantemente parabenizado por sua alta produtividade literária, enquanto Sand era criticada pelo mesmo motivo, diziam que sua produtividade era “pouco feminina”.

Outro grande amigo de Sand foi Gustave Flaubert, ambos trocaram diversas cartas ao longo de suas vidas e em uma delas Sand escreveu “A vida é uma longa ferida que raramente descansa e nunca cicatriza”.

Sua obra foi invocada com admiração por Henry James, que disse que “vinte e cinco anos depois, dentre os escritores franceses, a obra de George Sand ainda é inigualável”.

E ao saber de sua morte, Dostoiévski escreveu:

“George Sand... foi uma das mais clarividentes visionárias (se este termo pujante for permitido) de um futuro feliz à espera da humanidade, na realização

de cujos ideais ela acreditou com confiança e magnanimamente durante toda a sua vida — isso porque ela mesma foi capaz de conceber este ideal em sua alma. A preservação desta fé até o fim costuma ser a sorte das almas elevadas, de todos os verdadeiros amigos da humanidade... Ela baseava seu socialismo, suas convicções, suas esperanças e seus ideais no sentimento moral do homem, na sede espiritual da humanidade e seu anseio por perfeição e pureza, e não em uma ‘necessidade de formigas’. Toda a sua vida acreditou absolutamente na personalidade humana... elevando e ampliando este conceito em cada uma das suas obras.”

Convido o leitor a conhecer um pouco da obra de George (Amadine) Sand nas páginas seguintes e tirar assim suas próprias conclusões de quem foi essa mulher. Particularmente, acredito que será uma tarefa difícil não se apaixonar.

---

<sup>1</sup>De Azevedo, Álvares. Macário.

***Para Maurice Sand***

Meu querido filho,

Reuniste várias tradições, canções e lendas, as quais, na minha opinião, ilustrastes muito bem; estas coisas acabam se perdendo na medida em que o camponês obtém maior grau de instrução, e é preciso salvá-las do esquecimento que logo virá para algumas versões deste grande poema maravilhoso, do qual a humanidade se alimentou por tanto tempo e do qual os camponeses são hoje, involuntariamente, os últimos bardos.

Então, eu quero ajudá-lo a coletar alguns fragmentos espalhados dessas lendas rústicas, que são conhecidas por quase toda França, mas que cada localidade lhes deu uma coloração específica e a singularidade de sua fantasia.

*George Sand.*

## **PREFÁCIO**

Teríamos que encontrar um nome para este poema sem nome que expresse o quão fabuloso ou de maravilha universal, cujas origens remontam ao surgimento do homem na terra e cujas versões, infinitamente multiplicadas, são a expressão da imaginação poética de todos os tempos e de todos os povos.

O capítulo de lendas rústicas sobre espíritos e visões noturnas seria, em si, uma obra imensa. Em que canto da terra poderíamos nos refugiar para encontrar a imaginação popular (que é apenas uma forma apagada ou alterada de alguma memória coletiva) a salvo dessas aparições sombrias de espíritos malignos que perseguem dentre lágrimas aflitas inúmeras vítimas? Onde reina a paz, a guerra, a peste ou por onde passou o desespero, terríveis em qualquer momento da história humana. O trigo que cresce sobre a carne humana cujo pó engordou nossos sulcos. Tudo é ruína, sangue e escombros sob nossos pés, e o mundo fantástico que inflama ou atordoa o cérebro do campesinato é uma história não contada de outros tempos.

Quando queremos voltar à fonte das formas de sua ficção, encontramos em alguma história truncada e desfigurada, onde raramente podemos descobrir um fato comprovado e consagrado pela história oficial. O camponês é, portanto, por assim dizer, o único historiador que nos resta desde os tempos pré-históricos. Honra e benefício intelectual para aqueles que se dedicam à busca daquelas tradições maravilhosas de cada aldeia que, reunidas ou agrupadas, comparadas entre si e minuciosamente dissecadas, talvez lançassem grande luz sobre a noite profunda dos tempos primitivos.

Porém, este seria o trabalho e a viagem de uma vida, apenas para explorar a França. O camponês ainda se lembra das histórias da avó, mas fazê-lo falar fica mais difícil a cada dia. Ele sabe que quem o questiona não acredita mais e começa a sentir uma espécie de orgulho, certamente estimável, ao se recusar a servir de brinquedo para a curiosidade. Além disso, não se pode alertar os pesquisadores de que as versões de uma mesma lenda são inúmeras e que cada campanário, cada família, cada chalé tem o seu. Essa diversidade é característica da literatura oral. A poesia rústica, como a música rústica, tem tantos arranjadores quantos indivíduos.

Eu particularmente prefiro ser diferente a ser um ignorante profissional. Além disso, não devo esquecer que estou escrevendo o texto de uma coletânea dedicada a uma escolha de lendas recolhidas em um local, e tentarei recolher, entre as minhas memórias da juventude, algumas das histórias que completam a definição de certos tipos fantásticos, comum a toda a França.

É em um canto de Berry, onde passei minha vida, que serei forçada a localizar

minhas lendas, pois foi lá, e não em outro lugar, que as encontrei. Eles não têm a grande poesia das canções bretãs, onde o gênio e a fé da velha Gália deixaram marcas mais claras do que em qualquer outro lugar. Conosco, essas reminiscências são mais vagas e mais veladas. O fantasioso de nossas províncias centrais tem mais analogia com o da Normandia, do qual uma mulher erudita, paciente e conscienciosa traçou um quadro completo<sup>2</sup>.

No entanto, o espírito gaulês legou a todas as nossas tradições rústicas grandes traços e um tom que se encontra em toda a França, uma mistura de terror e ironia, um capricho de invenção extraordinária unido a um simbolismo ingênuo que atesta a necessidade de uma verdadeira moral em meio à fantasia delirante.

O Berry, coberto com vestígios antigos de idades misteriosas, com túmulos, dólmens, menires e pântanos<sup>3</sup> parece ter preservado em suas lendas memórias anteriores ao culto dos Druidas: talvez aos Deuses Kabyre que nossos antiquários colocam antes do aparecimento dos Kimris em nosso solo. Os sacrifícios de vítimas humanas parecem pairar como uma horrível reminiscência em algumas visões. Cadáveres ambulantes, fantasmas mutilados, homens sem cabeça, braços ou pernas sem corpo povoam nossas terras e velhos caminhos abandonados.

Em seguida, vêm as superstições mais elaboradas da Idade Média, novamente horrível, mas voluntariamente se transformando em burlesco; os animais impossíveis, cujas caretas se contorcem nas esculturas românicas ou góticas das igrejas, continuavam a vagar vivos e uivando pelos cemitérios ou pelas ruínas. As almas dos mortos batem nas portas das casas. O sábado de vícios personificados, de diabinhos estranhos, assobiam na nuvem de tempestade. Todo o passado volta à vida, todos os seres que a morte dissolveu, até os animais, encontram sua voz, movimento e aparência; a mobília, feita pelo homem e violentamente destruída, endireita e range em seus pés devorados por cupins. As próprias pedras sobem e falam com o transeunte assustado; os notívagos cantam para ele, com voz terrível, a hora da morte que sempre ceifa e sempre passa, mas que nunca parece final na face da terra, graças a esta crença em virtude da qual todos são e todas as coisas protestam contra o nada e, refugiando-se na região do fantasioso, iluminam a noite com luzes sinistras ou povoam a solidão com figuras flutuantes e palavras misteriosas.

*George Sand.*

*(Amandine Aurore Lucile Dupin)*

Quem quiser fazer um trabalho sério e erudito sobre o coração da Gália deve consultar as excelentes obras de Raynal, o historiador de Berry, o texto *Esquisses*

picturesques (Esboços pitorescos) de La Tremblays e de La Villegille, a pesquisa de Laisnel de La Salle sobre algumas frases curiosas etc.  
G.S.

---

<sup>2</sup>Bosquet, Amélie. La Normandie romanesque et merveilleuse.

<sup>3</sup>Quanto a estes vestígios misteriosos, vide história de Berry do senhor Raynal.



### ***AS PEDRAS OU CASCALHOS***

*Quando passamos pelas pedras, disse Germain, era por volta da meia-noite. De repente, elas estavam nos observando: tinham olhos. Nunca tínhamos visto isso durante o dia, e ainda assim nós havíamos passado por lá mais de cem vezes. O medo nos deixou doentes por mais de três meses após a colheita.*

*Maurice Sand.*

No meio das planícies calcárias do Vale Negro, pode-se ver escavada bruscamente uma área repleta de magníficos blocos de granito.

Eles estão entre aqueles que devemos chamar de erráticos, por causa de seu aparecimento fortuito em regiões onde eles só poderiam ter sido trazidos pelas águas torrenciais dos tempos primitivos. Ou teriam se formado nas áreas onde se encontram acumulados? Esta última hipótese parece ser contraditória devido ao seu formato; são quase todas arredondadas, pelo menos em uma das faces, e têm a aparência de cascalhos gigantes rolados pelas ondas.

No entanto, o local agora possui apenas pequenos riachos encantadores, pressionados e retorcidos por meandros infinitos pela massa desses blocos; as pequenas náiades (ninfas aquáticas) riem e fogem sussurrando, de uma forma insólita, frases misteriosas em uma língua desconhecida.

Em outros lugares, as águas rugem, cantam ou chilreiam. Lá elas falam, mas tão discretamente que só o ouvido atento do bosque pode entendê-las. Nas cavidades onde seus finos filetes se acumulam, às vezes recai o silêncio; então,

quando a pequena cava está cheia, o transbordar revela, em algumas palavras apressadas, não sei que segredo que flores e ervas, agitadas com o ar que repelem, parecem agarrar e cumprimentar a passagem.

Mais adiante, essas águas correm e se perdem sob os blocos empilhados:

*E lá, na fundura,*

*Uma onda sussurra*

*Que nós não veremos.*

Nessas rochas úmidas crescem plantas também estranhas ao solo da região. O meniano, este pequeno jacinto encaracolado branco e serrilhado, cuja folha é a do trevo; a dedaleira, manchada de preto e branco, como o granito de onde gosta; o orvalho do sol (*rosea solis*); a encantadora saxifraga, e uma variedade de hera com pequenas folhas, que traça nos blocos cinzentos arabescos graciosos em que se acredita ler figuras misteriosas.

Em torno deste santuário crescem árvores magníficas, faias esguias e castanheiras monstruosas. Em um desses bosques ondulantes e repletos de pedras soltas, como as do Fontainebleau, foi onde encontrei, há um ano, a esplêndida vegetação e uma sombra tão densa que o sol, ao meio-dia, filtrado pela folhagem, não penetrava nos caules das árvores e no solo musgoso, cujos tons frios se assemelhavam à luz esverdeada da lua.

Não há um canto da França onde as grandes pedras não perpassem fortemente a imaginação do camponês, e quando certas lendas acompanham, pode ter certeza que, independentemente da hesitação de historiadores, o local foi consagrado pelo culto dos antigos Gauleses.

Existem também nomes que, apesar da corruptela trazida pelo tempo, são significativos o suficiente para dizimar qualquer dúvida. Em certo local de Brenne — sul de Berry — encontramos o nome muito bem preservado de Druiders. Em outro lugar encontramos os durders, em Crevant, os Dorderins. É uma semente proveniente dessas enormes pedras de granito no topo de um monte cônico. O mais alto é um cogumelo erguido em pequenos suportes. Poderia ser um jogo da natureza, mas não seria por isso que esta pedra não foi consagrada por sacrifícios. Além disso, seu nome é o grande Dorderin. Dizem ter sido um grande altar dos druidas.

Um pouco mais adiante, no fundo de uma ravina não cultivada invadida por águas, existem as parelles. Isso significa o mesmo que pareilles (semelhantes), ou a palavra vem de patres (patrão), como mareses ou martes (martas) vem de mestres, de acordo com nossos filólogos?<sup>4</sup> Estas parelles ou patrulhas (sentinelas) são duas massas quase idênticas de volume e altura, que parecem

duas torres à margem de um terraço natural de desenvolvimento bastante extenso. Sua base está sobre um encaixe bem menor. Eu encontrei uma escória metálica que me deu muito em que pensar. Este lugar está longe de qualquer habitação e nunca vi ninguém sentado em suas asperezas com fundos inundados. O que uma escória de forja estava fazendo sob as ervas daninhas, neste deserto para onde nem os rebanhos vão? Portanto, havia uma atividade intensa ali, talvez o hábito de se fazer sacrifícios?

Mencionei este lugar porque é praticamente desconhecido. Nossas histórias de Berry apenas mencionam brevemente, nomeando e deixando-o de lado hipotética e vagamente entre os monumentos celtas. No entanto, é de grande interesse do ponto de vista mineralógico, histórico, paisagístico e botânico.

A meia légua de distância você ainda podia ver, alguns anos atrás, a Trou aux Fades (caverna das fadas), que o dono de uma área vizinha julgou apropriado enterrar sob o solo, para se preservar das influências aparentemente malignas dessas fadas. Era uma casa visivelmente esculpida na rocha e composta por dois quartos, separados por uma espécie de divisória entreaberta. Os camponeses diziam ter visto, numa reentrância arredondada, o forno onde esses eremitas assavam seu pão.

No entanto, esta ermida não foi consagrada com a permanência de boas almas cristãs. Pois se esse fosse o caso, a devoção seria notada, como em todo lugar, por peregrinações à lugares santos e ali haveria, pelo menos, uma imagem santa. Longe disso; era um lugar ruim, pelo qual as pessoas tomavam o cuidado de não passar. Nenhum caminho foi demarcado pelas amoreiras; os camponeses diziam que as fadas eram as mulheres selvagens dos velhos tempos e que atiravam crianças para serem devoradas por lobos brancos.

Por que a antiga fama das sacerdotisas gaulesas, dependendo da localidade, às vezes é negativa e às vezes é benigna? Nós sabemos que havia diferentes cultos sucessivamente vitoriosos uns sobre os outros, antes e até durante a ocupação romana.

Onde as antigas sacerdotisas permaneceram guardiãs, pode-se ter certeza de que a crença era sublime; onde não são consideradas nada mais do que mortas-vivas (ghouls) ferozes, o culto deve ter sido sanguinário. As martres, que mencionamos em correlação com as fadas, são espíritos masculinos e femininos.

Nas rochas por onde corre a torrente Porte-feuille, perto de Saint-Benoît-de-Sault, aparecem em ambas as formas e, independentemente do gênero a que pertençam, são igualmente formidáveis.

Os masculinos, ainda são dólmens e menires espalhados nas colinas circundantes; as fêmeas correm com os cabelos caindo até os calcanhares, os seios caindo até o chão, atrás dos lavradores que se recusam a ajudá-las em seus

misteriosos trabalhos. Elas batem e os torturam até que abandonem a charrete e o arado em plena luz do dia. Uma cachoeira muito pitoresca no meio de rochas de formatos estranhos é chamada de Aire aux Martes (área das fadas)<sup>5</sup>.

Quando a maré está baixa, vemos os utensílios de pedra usados na sua cozinha. Os seus homens arrumam a mesa, ou seja, a pedra dólmén sobre sua fundação. Quanto a elas, procuram loucamente, espíritos vaidosos e fantásticos que são, acender uma fogueira na cascata de Montgarnaud e ali ferver a sua panela de granito. Furiosas por falharem constantemente, elas ressoam com ecos de gritos e imprecações. Não é esta a história figurativa de um culto antigo que fez vãos esforços para ressurgir?

Na planície de nosso Fromental, nada restou dessas tradições simbólicas, apenas algumas pedras isoladas nas áreas intermediárias entre o calcário e o granito, vistas com desconfiança pelos transeuntes atrasados. Essas pedras tomam forma e fazem caretas mais ou menos ameaçadoras, conforme os olhares curiosos dos leigos os desagradem mais ou menos. Diz-se que falaria bem se pudessem, e que os feiticeiros habilidosos, ou seja, muito sábios, podem obrigá-las a dizer boa-noite. Mas elas são tão teimosas e cabeça-dura que ninguém nunca conseguiu ensiná-las mais que isso.

Às vezes passamos por elas sem vê-las; é que, na realidade, dizem que elas não estão mais lá. Foram dar um passeio, e você deve se afastar o mais rápido possível do caminho pelo qual elas precisam passar para voltar ao seu lugar de costume. Não dizemos se, como os povos Bretões, elas beberão de alguma água pela vizinhança. Há tantas que são tão estúpidas quanto perversas, pois às vezes voltam para o lugar errado, e as pessoas que as viram uma noite deitadas em uma charneca árida as veem novamente no dia seguinte, no mesmo horário, paradas em um campo semeado. Elas causam danos lá e estouram brutalmente as cercas. Mas o mais prudente é não avisar o dono porque, fora o fato de lhe ser quase impossível retirar essas massas inertes, “mesmo que atrele a elas doze pares de bois”, pode muito bem ser que elas tenham vontade de esmagá-lo. Além disso, elas estão fadadas a voltar ao seu lugar; se não se lembram e não conseguem encontrá-lo imediatamente, isso é muito ruim para elas.

Elas podem vagar por um ano, se necessário, correndo pelos arredores, isso as cansa muito, já que não conseguem descansar, senão de pé, até regressarem ao local onde lhes é permitido deitar.

Às vezes vemos essas pedras chamadas de pedras de cascalho ou pedras tolas. Elas são verdadeiras pedras calcárias cavernosas, cujos numerosos e irregulares orifícios facilmente se assemelham a figuras monstruosas. Quando os inspetores de estradas as encontram ao seu alcance, eles as quebram e elas acabam tendo o destino que merecem.

Gostamos delas, já que essas pobres pedras nunca nos fizeram nenhum mal. No entanto, garantimos que se não nos apressarmos em quebrá-las e usá-las, elas ficam na beira da estrada ou onde acabaram chegando, à noite, por toda a estrada, para que os cavalos tropecem e as carruagens sejam viradas. Moral da história: o manobrista não deve adormecer enquanto guia a carruagem.

Quanto a vocês, espíritos fortes, que perguntam por que essa grande pedra está em tal sebe ou à beira de uma vala, se você responde com um ar misterioso: Oh! ela não deve ficar aí! Cuidado com o que diz, e não ria ao olhar para ela: você pode irritá-la e encontrá-la, no dia seguinte, em seu jardim, bem no meio de suas lindas campânulas ou em seus canteiros de flores.

---

<sup>4</sup>Alguns estudiosos afirmam que a origem é celta, já outros alegam ser latina.

<sup>5</sup>Perto de Aigurande, um pilar de pedras é chamado de “pierre à la marte” (pedra à la marte). São muito temidas.



### ***AS MOÇAS DE BERRY***

*Eu tenho uma moça, então duas,  
Que não tem boca nem olhos;  
Tenho três, então quatro,  
Eu bem que queria resisti-las.  
Eu tenho cinco, então seis,  
Quem não quer seus beijos?  
Por trás veio a sétima,  
Nunca vi a oitava.*

*Verso antigo lembrado por Maurice Sand.*

As moças de Berry parecem-nos primas das Milloraines da Normandia, que o autor de *Normandie merveilleuse* (Fantasias da Normandia) descreve como seres de tamanho gigantesco. Elas ficam paradas e sua forma, muito pouco distinta, não permite discernir seus membros ou seu rosto. Quando nos aproximamos, elas fogem por uma sucessão de saltos irregulares muito rápidos.

Estas moças ou jovens podem ser de diversos países. Eu não acredito que sejam de origem gaulesa, mas sim francesa, da Idade Média. De qualquer forma, vou relatar uma das lendas mais completas que consegui através de um de seus relatos.

Um senhor de Berry, chamado Jean de La Selle, que viveu no século passado

em um castelo localizado nas profundezas da floresta de Villemort. O camponês, triste e selvagem, comemora um pouco na orla da mata, onde a terra seca, plana e coberta de carvalhos, desce em direção a prados que dão em uma série de pequenos lagos que hoje em dia estão mal cuidados.

Já no momento de que falamos, as águas ficavam nos prados do senhor de La Selle, o bom cavaleiro não tendo muito o que fazer para limpar as suas terras. Tinha uma extensão bastante grande, mas de qualidade escassa e de pouco valor.

No entanto, ele viveu feliz, graças aos gostos modestos e um caráter sábio e alegre. Seus vizinhos estavam sempre à sua procura devido ao seu temperamento agradável, bom senso e paciência na caça. Os camponeses daquele domínio e arredores o consideravam um homem de bondade extraordinária e de rara delicadeza. Dizem que ele preferiria que sua camisa ficasse permanentemente grudada em seu corpo e seu cavalo entre suas pernas a prejudicar um vizinho.

No entanto, aconteceu que, uma noite, o senhor de La Selle tendo estado em Berthenoux para vender um par de bois, voltava tranquilamente, escoltado por seu meeiro, o grande Luneau, que era um homem fino e educado, carregando na garupa esguia de sua égua cinza a soma de seiscentas libras em grandes moedas planas com a efígie de Luís XIV. Era a soma pelo gado vendido.

Como um bom senhor do campo que era, o senhor de La Selle havia jantado na taberna e, como não gostava de beber sozinho, fez o grande Luneau sentar-se à sua frente e serviu-lhe o vinho sem poupar, a fim de deixá-lo à vontade.

Tanto é que o vinho, o calor e o cansaço do dia e, acima de tudo, o trote rítmico da égua cinza tinha adormecido Monsieur de La Selle, e ele chegou em casa sem saber por quantas horas havia andado ou o caminho que havia seguido. Cabia a Luneau conduzi-lo, e Luneau o dirigira bem, pois chegaram sãos e salvos; seus cavalos não tinham o lombo molhado.

Bêbado, o senhor de La Selle não estava. Em sua vida, ninguém o tinha visto sem fazer sentido. Assim que se levantou, disse ao criado que levasse a mala para o seu quarto, depois conversou muito razoavelmente com o grande Luneau, deu-lhe boa-noite e foi para a cama sem dificuldades para encontrá-la. Mas no dia seguinte, ao abrir a mala para pegar o dinheiro, encontrou apenas pedras grandes e, após buscas inúteis, foi forçado a perceber que haviam sido roubados.

O grande Luneau, chamado e consultado, jurou por sua crisma e seu batismo que tinha visto o dinheiro contado na mala, que ele carregou e amarrou nas costas da égua. Também jurou por sua fé e pela lei que ele não havia deixado seu mestre sozinho desde que entraram na estrada principal. Mas confessou que, ao entrar na floresta, sentiu-se um pouco sonolento e conseguiu dormir em seu cavalo por cerca de um quarto de hora. De repente, ele se viu perto da Gâgneaux-Demoiselles e, desde aquele momento, não tinha dormido e não havia visto

nenhuma alma cristã.

— Vamos — disse o senhor de La Selle —, algum ladrão deve estar rindo de nós. A culpa é ainda mais minha do que sua, meu pobre Luneau, e o mais sábio é não se gabar. O prejuízo é só meu, já que você não participou da venda do gado. Eu saberei como me decidir, embora o assunto me incomode um pouco. Isso vai me ensinar a não adormecer a cavalo.

Luneau queria em vão levantar suspeitas de alguns caçadores pobres que estavam no lugar.

— Não, não — respondeu o bravo escudeiro. — Não irei acusar ninguém. Todos na vizinhança são honestos. Não falemos mais nisso. Eu tive o que mereci.

— Mas talvez você esteja um pouco bravo comigo, mestre...

— Por ter dormido? Não, meu amigo; se eu tivesse lhe dado a mala, eu tenho certeza de que você teria ficado acordado. Eu só culpo a mim, e minha fé, não pretendo me punir por isso. É o bastante ter perdido o dinheiro, vamos guardar nosso bom humor e apetite.

— Se você acredita em mim, no entanto, mestre, você deveria procurar em Gâgne-aux-Demoiselles.

— Gâgne-aux-Demoiselles é uma vala que tem cerca de meio quarto de légua de comprimento; não seria fácil remexer toda aquela lama, e além disso, o que encontraria lá? Meu ladrão não teria sido tão tolo a ponto de atirar minhas moedas lá!

— Você pode dizer o que quiser, mestre, mas o ladrão talvez não seja como você pensa!

— Ah, meu grande Luneau, você também acredita nas jovens que são espíritos malignos que gostam de pregar peças!

— Eu não sei, mestre, mas eu estive lá uma manhã, em plena luz do dia, com meu pai, nós as vimos como vejo você agora; ao mesmo tempo, voltamos para casa com muito medo, sem chapéus, nem gorros em nossas cabeças, nem sapatos em nossos pés, nem facas em nossos bolsos. Elas são muito espertas! Parecem fugir, mas, sem te tocar, te fazem perder tudo que conseguem pegar e se beneficiam disso, porque ninguém encontra suas coisas outra vez. Sim, se eu fosse você, drenaria todo aquele pântano. Seria melhor para você e as jovens logo sairão de lá; já que é de conhecimento de todo homem de bom senso que elas não gostam de lugares secos e que vão de lagoa em lagoa, à medida que a névoa da qual se alimentam é removida.

— Meu amigo Luneau — respondeu o senhor de La Selle —, secar o pântano certamente seria um bom negócio para o prado. Mas, além das seiscentas libras que perdi, nunca tive nenhum motivo para desalojar as jovens. Não é que eu

acredite nelas precisamente, já que nunca as vi, nem qualquer outra criatura parecida; mas meu pai acreditava um pouco nisso, e minha avó acreditava completamente. Quando conversamos sobre isso, meu pai disse: “Deixe as moças em paz; elas nunca me fizeram mal, nem a ninguém.” E minha avó costumava dizer: “nunca atormente ou invoque as moças; sua presença é boa para a terra, e sua proteção é um amuleto de boa sorte para uma família”.

— Por isso mesmo — retomou o grande Luneau, acenando com a cabeça. — Elas lhe roubaram!

Cerca de dez anos depois desta aventura, senhor de La Selle voltou da mesma feira de Berthenoux, trazendo de volta a mesma égua cinza, já muito velha, mas ainda trotando sem vacilar, com uma soma equivalente àquela que lhe fora roubada de forma tão singular. Desta vez ele estava sozinho, o grande Luneau havia morrido há vários meses; e nosso senhor não dormiu a cavalo, tendo renunciado e perdido definitivamente este hábito importuno.

Quando ele estava na orla da floresta, ao longo da Gâgne-aux-Demoiselles, que está localizada na parte inferior de uma encosta bastante alta e toda coberta de arbustos, velhas árvores e grandes gramíneas silvestres, o senhor de La Selle foi tomado de tristeza ao se lembrar de seu pobre fazendeiro inquilino, sentindo sua falta, embora seu filho Jacques, alto e magro como ele, e assim como ele prudente e astuto também, parecia fazer o seu melhor para substituí-lo. Mas não podemos substituir velhos amigos, e o senhor de La Selle também estava envelhecendo.

Ele foi tomado por pensamentos sombrios; mas sua boa cabeça logo os dissipou, e ele começou a assobiar uma melodia de caça, dizendo a si mesmo que, como em sua vida e em sua morte, seria o que Deus quisesse.

Quando estava aproximadamente no meio do comprimento do pântano, foi surpreendido ao ver uma forma branca, que até então ele havia tomado por aqueles vapores com os quais as águas paradas são cobertas, mudam de lugar, depois saltam e voam para longe, dissipando-se por entre os galhos. Uma segunda forma mais sólida emergiu dos juncos e seguiu a primeira, estendendo-se como uma tela flutuante; depois uma terceira, depois outra e mais outra; e, ao passarem pelo senhor de La Selle, tornaram-se vultos tão visivelmente enormes, vestidos com saias longas e claras, com cabelos esbranquiçados arrastando em vez de esvoaçantes atrás delas, de tal forma que ele não conseguiu sair dali.

Estes eram os fantasmas sobre os quais ele tinha ouvido falar quando criança. Assim, esquecendo-se do que sua avó o recomendara, de que se algum dia se deparasse com elas deveria agir como se não as visse, passou a saudá-las como o homem educado que era. Cumprimentou a todas, e quando chegou à sétima, que era a maior e mais visível, não pôde deixar de dizer a ela: “senhora, estou ao seu

dispor”.

Mal proferiu esta frase, a jovem alta apareceu na garupa atrás dele, abraçando-o com os dois braços, frios como o amanhecer, e a velha égua cinzenta, apavorada, saiu a galope, carregando o senhor de La Selle pelo pântano.

Embora muito surpreso, o bom cavaleiro não perdeu a cabeça. “Pela alma de meu pai”. Ele pensou. “Nunca fiz nada de errado e nenhum espírito pode me machucar”. Ele segurou firme as rédeas e forçou a égua para fora da lama. Lutou, enquanto a jovem parecia tentar detê-lo e desviar a égua.

O senhor de La Selle tinha pistolas em seus invólucros, e ocorreu-lhe a ideia de usá-las; mas, julgando que se tratava de um ser sobrenatural e lembrando-se além disso que seus pais o haviam recomendado não ofender as donzelas da água, contentou-se em dizer gentilmente: “Realmente, linda senhora, deveria me deixar seguir meu caminho, pois não cruzei o seu para incomodá-la, e se a cumprimentei, foi por educação e não por escárnio. Se você quiser orações ou missas, torne seu desejo conhecido e, palavra de um cavaleiro, você as terá!”

Então o senhor de La Selle ouviu uma voz estranha acima de sua cabeça dizendo: “Mande rezar três missas pela alma do grande Luneau e vá em paz!”

Ele pensou então que tinha tido uma visão; no entanto, ordenou as três missas. Mas qual não foi sua surpresa quando, abrindo a mala, encontrou ali, além do dinheiro que recebera na feira, as seiscentas libras em moedas planas, ostentando a efígie do falecido rei.

Elas queriam dizer que o grande Luneau, arrependido na hora da morte, havia pedido para que seu filho Jacques fizesse essa restituição, e que este, para não manchar a memória de seu pai, havia solicitado que as jovens o fizessem. O senhor de La Selle nunca permitiu que nenhuma palavra fosse dita contra a probidade do falecido, e quando essas coisas eram faladas sem respeito em sua presença, ele costumava dizer: “os homens não podem explicar tudo, talvez seja melhor aqui estar sem censura do que sem fé”.



### **AS LAVADEIRAS NOTURNAS**

*Na lua cheia, vemos, no caminho de Font de Fonts (Fontaine des Fontaines), estranhas lavadeiras; são os espectros de mães más que foram condenadas a lavar, até o Juízo Final, os panos e cadáveres de suas vítimas.*

*Maurice Sand.*

Aqui está, em nossa opinião, a visão mais sinistra do medo. É também a versão mais difundida; acredito que seja encontrada por todas as nações.

Em torno dos lagos parados e nascentes límpidas, tanto na urze como na orla das fontes sombreadas nas alamedas, sob os velhos salgueiros e também na planície escaldada pelo sol, ouve-se, durante a noite, o impetuoso e o furioso bater das lavadeiras sobrenaturais.

Em algumas províncias, acredita-se que evocam chuva e atraem tempestades, fazendo com que a água de nascentes e pântanos voe para os céus com seu bater ágil, mas não existe um consenso nesse aspecto.

A evocação de tempestades é monopólio dos magos conhecidos como criadores de nuvens. As verdadeiras lavadeiras são as almas das mães que praticaram infanticídio. Elas batem e torcem incessantemente algo que parece linho molhado, mas que, visto de perto, não passa de um cadáver de criança.

Cada uma com seu pecado, ou pecados, no caso de ter cometido vários crimes. Deve-se ter cuidado para não as observar ou perturbá-las, porque, se você tiver

um metro e oitenta de altura e os músculos proporcionais, elas lhe agarrarão, lhe arremessarão contra a água e o torcerão nem mais nem menos que um par de meias.

Muitas vezes ouvimos as batidas das lavadoras noturnas ecoando no silêncio em torno dos lagos desertos. Mas trata-se de um equívoco, pois existe uma espécie de sapo que produz esse barulho formidável.

No entanto, foi muito triste ter feito essa descoberta e não poder mais esperar pelo aparecimento das terríveis bruxas, retorcendo seus trapos imundos, na névoa das noites de novembro, à luz pálida de um vulto refletido pela água. Porém, tive o privilégio de ouvir um relato franco e bastante assustador sobre esse assunto.

Um amigo meu, um homem dotado de mais sentimentalismo do que bom senso, devo admitir, porém também bem educado e culto, mas devo confessar, com uma tendência de deixar sua razão de lado; muito corajoso diante das coisas reais, mas fácil de se impressionar e nutrir, desde a infância, as lendas do país, teve dois encontros de lavadeiras que ele só contou com relutância e com uma expressão facial que gerou arrepios em sua audiência.

Uma noite, por volta das onze horas, em um charmoso trem que passa, sinuoso e trepidando, por assim dizer, sobre o lado acidentado da ravina d'Urmont, ele viu, à beira de uma fonte, uma velha que lavava e torcia em silêncio. Apesar desta linda fonte ser dotada de má fama, ele não viu nada de sobrenatural ali e disse à velha: “Você está lavando muito tarde da noite, mãe!”

Ela não respondeu. Ele achou que ela era surda e se aproximou. A lua estava brilhante e a fonte iluminou-se como um espelho. Viu então com nitidez os traços da velha: ela lhe era completamente desconhecida, e isso o espantou, porque com a sua vida de agricultor, caçador e andarilho do campo, não havia nenhum rosto em toda aquela região que lhe era desconhecido. Eis aqui como ele mesmo me contou suas impressões ao se ver diante desta lavadeira noturna singular:

“Nem me lembrei da lenda quando perdi essa mulher de vista. Eu não pensei nisso até conhecê-la. Não me dei conta e nem suspeitei de nada ao me aproximar. Mas, assim que me aproximei dela, seu silêncio, sua indiferença diante da aproximação de um transeunte, deu-lhe a aparência de um ser absolutamente estranho à nossa espécie.

Inferi que a velhice a privava de audição e visão. Fiquei curioso para saber o que a teria feito vir de longe, sozinha nesta hora incomum, para lavar nesta primavera gelada na qual trabalhava com tanta força e atividade? Mas o que me surpreendeu ainda mais foi o que aquilo me fez sentir. Não tive nenhum sentimento de medo, mas sim aversão, um nojo invencível. Eu segui meu

caminho sem que ela virasse a cabeça.

Foi só quando cheguei em casa que pensei nas bruxas lavadeiras, e então fiquei com muito medo, admito com franqueza, e nada no mundo teria me feito refazer meus passos.”

Em outra ocasião, o mesmo amigo passou pelas lagoas de Thevet, por volta das duas da manhã. Veio de Linières, onde nos garante que não comeu nem bebeu, fato que não posso garantir. Ele estava sozinho, em sua carruagem cabriolet, seguido por seu cachorro. Com o cavalo cansado, desmontou numa subida e viu-se à beira da estrada, perto de uma vala onde três mulheres lavavam, batiam e torciam com grande vigor, sem dizer nada. Seu cachorro de repente se encostou nele sem latir.

Ele começou a se movimentar sem observar os arredores, mas, assim que deu alguns passos, ouviu passos atrás dele, e a lua lançou uma sombra muito comprida sob seus pés. Ele se virou e viu uma das mulheres o seguindo. As outras duas acompanhavam mantendo certa distância, como se para dar apoio à primeira.

— Desta vez — disse ele —, pensei nas malditas lavadeiras, mas tive um sentimento diferente do que tive na primeira vez. Essas mulheres eram tão altas, e a que me seguia de perto tinha as proporções, o rosto e o andar de um homem, a tal ponto que não duvidei nem por um momento estar lidando com uma brincadeira de mau gosto, mal-intencionados talvez. Eu tinha um porrete na mão, então me virei e disse: O que você quer?

“Não recebi resposta e não me sentindo acuado, afinal não havia pretexto para me atacarem, me vi obrigado a voltar para o meu cabriolet, que estava bem à minha frente, com esse ser desagradável me seguindo. Não disse nada e parecia sentir prazer ao me manter sob a influência de uma provocação.

“Eu ainda estava segurando meu porrete, pronto para quebrar sua mandíbula ao menor toque, então cheguei ao meu cabriolet com meu cachorro covarde que não emitiu sequer um som e pulou comigo. Eu então me virei e, embora tivesse ouvido passos até agora e visto uma sombra caminhando ao lado da minha, não vi ninguém.

“Só eu pude distinguir, cerca de trinta passos atrás, no lugar onde eu as tinha visto lavando, os três grandes demônios pulando, dançando e se contorcendo feito loucos na beira da vala. Seu silêncio, contrastando com esses saltos desgrehados, tornava-as ainda mais singulares e penoso de se ver.”

Se alguém tentasse, depois dessa história, perguntar ao narrador sobre algum detalhe, ou fazê-lo entender que tinha sido feito de bobo por uma alucinação, ele balançava a cabeça e dizia: — Vamos conversar sobre outra coisa. Apenas quero acreditar que não sou louco. — E essas palavras, pronunciadas com um ar triste,

impuseram o silêncio a todos.

Não há lago ou fonte que não seja assombrada, seja pelas lavadeiras noturnas, ou por outros espíritos mais ou menos infelizes. Alguns desses anfitriões são simplesmente bizarros. Na minha infância, eu tinha muito medo de passar por uma determinada vala onde se viam pés brancos. As histórias fantásticas que não podem ser explicadas sobre a natureza dos seres que entram em cena, e que permanecem vagas e incompletas, são as que mais impressionam a imaginação.

Dizem que esses pés brancos caminhavam ao longo da vala em horas específicas da noite; eram pés de mulher, magros e descalços, com um vestido branco ou uma camisa comprida que flutuava e esvoaçava incessantemente. Caminhavam rápido e em zigue-zague, e se disséssemos: “Estou vendo você! Você quer ser salva!” Ela sairia correndo tão rápido que não saberíamos mais para onde tinha ido. Quando ninguém dizia nada, caminhavam à sua frente; mas qualquer esforço que se fizesse para ver acima do seu tornozelo era inútil. Não tinham pernas, nem corpo, nem cabeça, nada além de pés. Não consigo descrever como esses pés eram aterrorizantes; apenas que por nada no mundo gostaria de vê-los outra vez.

Existem, noutros locais, fiandeiras noturnas cujo giro se ouve dentro do seu quarto e cujas mãos às vezes se avistam. Em casa, ouvi falar de um triturador noturno, que esmagava o cânhamo na frente da porta de algumas casas e fazia o barulho regular do triturador ouvido de uma forma que não era natural.

Era necessário não mexer com ela, e se persistisse em voltar várias noites seguidas, colocando uma velha lâmina de foice no instrumento no qual costumava arrastar para fazer barulho, ela se divertiria por um tempo tentando esmagar aquela lâmina, até ficar enjoada daquilo, jogá-la porta afora e nunca mais voltar.

Ainda havia as pedintes noturnas (*peilleroise de nuit*) sob o alpendre da igreja. *Peille* é uma antiga palavra francesa que significa trapo; é por isso que o alpendre da igreja, por onde passam durante as missas as pedintes que carregam trapos, tem um nome semelhante.

Estas pedintes abordavam os transeuntes e pediam esmolas. Precisávamos ter cuidado para não lhes dar nada; caso contrário, ficam altas e fortes, sua aparência fará com que as julgue como sendo fracas, até que elas comecem a lhe bater.

Um homem chamado Simon Richard, um velho sacerdote e que desconfiava se tratar de alguma brincadeira das garotas da aldeia, resolveu entrar na brincadeira.

Ele foi deixado para morrer. Eu o avistei na ladeira no dia seguinte, estava machucado e muito arranhado. Ele jurou que só viu uma velhinha “que parecia

ter cem anos, mas era tão forte como três homens e meio”.

Tentaram em vão fazê-lo supor que estava lidando com um bastardo mais forte do que ele, que, disfarçado, vingou-se de algo ruim que tenha lhe feito. Ele era forte e ousado, até mesmo briguento e vingativo.

No entanto, ele deixou a paróquia assim que melhorou e nunca mais voltou, dizendo que não temia nem o homem nem a mulher e sim pessoas que não são deste mundo e que não têm o corpo abençoado por cristãos.



### **A GRANDE FERA**

*Os filhos do padre Germain voltaram carregando gravetos que haviam roubado. Saindo dos campos de Champeaux, eles ouviram todos os pássaros no bosque gritando ao mesmo tempo e avistaram um animal que se parecia tanto com um bezerro como com uma lebre. Era a grande fera.*

*Maurice Sand.*

Sob os nomes de bigorna, cachorro branco, fera vaivém, vaca do diabo, Piterne e de Taranne (animais fantásticos da Normandia) etc., um animal fabuloso que, desde tempos imemoriais, perambula pelo campo e até entra dentro de casas. Não sabemos com que propósito, mas uma verdadeira guerra foi declarada contra ele, sendo que as pessoas fazem de tudo para o afastar tão logo sua presença seja percebida em uma localidade.

Em nossas províncias centrais, o que é dito sobre a Grande fera combina particularmente bem com o que é dito sobre Taranne nas províncias do norte. Na maioria das vezes, é uma cadela do tamanho de uma novilha. Crianças e mulheres, que têm imaginação fértil, viram nele chifres, olhos de fogo e a montagem heterogênea das formas de vários animais; mas pessoas mais calmas e perspicazes decidiram, em última instância, que é uma espécie canina, e foram tantas essas pessoas sábias que avistaram a criatura que vamos adotar essa versão mais confiável.

De todas as superstições antigas, esta é a menos apagada. A grande fera fez sua última aparição em nossa vizinhança, não mais do que cinco ou seis anos atrás, e não há evidências de que ela esteja determinada a não reaparecer.

Na minha infância, muitas vezes, nas noites de verão, ia passear em uma chácara pertencente à minha avó, situada em um terreno a meia légua de nossa casa. Esta pequena propriedade foi por muito tempo o teatro das grandes bruxas e das aparições mais estranhas. Jamais esquecerei uma noite em que a tempestade nos prendeu lá, meu irmão e eu, até tarde da noite, isto é, entre nove e dez da noite.

Eu tinha cerca de dez anos, meu irmão tinha quinze e era muito corajoso. Quanto a mim, confesso, fiquei apavorada: o bicho tinha aparecido na véspera, diziam, nos arredores da fazenda, e inevitavelmente, quer dizer infalivelmente, ia reaparecer assim que amanhecesse.

Ainda acho que vejo os preparativos para a batalha. Os homens se armando com forquilhas de ferro e varas; o fazendeiro inquieto, perto da lareira, carregando seu rifle de cano longo com balas benzidas; a velha mãe arrumando as crianças no fundo do quarto, entre as duas camas de sarja amarela, e fazendo orações junto de suas noras e as criadas, diante de um quadro colorido que representava não me lembro qual general do império que ali foi tomado por um bom santo; os mascates da época vendiam de tudo como figuras de devoção aos camponeses.

E então, as portas e janelas foram fechadas e móveis encostados na porta para reforçá-la; e, enquanto as crianças choravam, eram repreendidas e ameaçadas de serem colocadas para fora se não se calassem, pois era preciso ouvir a aproximação da fera. Os cães que ficaram lá fora não deixariam de uivar e os bois de mugir no celeiro. Na verdade, os cães já latiam e se debatiam ao ver todos esses preparativos. Os animais entendem muito bem os sentimentos íntimos de uma família; as vozes assustadas e as fisionomias horrorizadas parecem revelar-lhes a causa do movimento inusitado que ocorre na casa.

As pessoas da fazenda afirmavam que os animais se lembravam muito bem do aparecimento dos anos anteriores e que tinham uma noção instintiva do mal que a fera poderia lhes causar. Portanto, eles nunca pularam sobre ela e se recusaram a persegui-la. Por sua vez, não havia relatos da fera os ter mordido. Mas seu sopro ou sua influência os fez morrer, e ela nunca tinha visitado a fazenda sem ser declarada, como resultado, uma mortalidade dentre o gado<sup>6</sup>.

Portanto, parecia que as pessoas estavam a salvo de todo perigo, pois a besta não ataca e foge à menor hostilidade. Mas tudo o que se apresenta com um caráter sobrenatural abala a imaginação de camponeses e crianças, mais do que o perigo palpável. Certamente, o ataque de um bando de lobos famintos nos teria

aterrorizado menos do que a possibilidade da visita desse fantasma.

No entanto, senti uma pena e uma decepção quando, em vez da fera, chegou nosso tutor que, preocupado comigo e com meu irmão, pela noite e pela tempestade, veio nos procurar sem nenhuma arma além de um guarda-chuva. Ele não se importou muito com a besta branca e os preparativos para a luta. Ele nos levou embora rindo, e não tínhamos mais, infelizmente, nem medo nem esperança de ver essa fera famosa, na qual havíamos acreditado por uma hora.

Tenho a meu serviço um camponês bom e honesto, com cerca de trinta e cinco anos, isto é, nascido do declínio dessas crenças no campo. Sincero, robusto e corajoso, foi lavrador nesta Quinta de Aunière, assombrada desde tempos imemoriais por todos os demônios das lendas rústicas. Eu pergunto a ele se já viu algo extraordinário. Ele começa dizendo não, mas, como não pode mentir, vejo que está receoso e que lhe custa responder. Insisto sem afetação e, aos poucos, ele me conta o seguinte:

— Vi — disse ele — muitas coisas das quais não tinha medo, mas que ninguém pode tirar da minha memória. Eu tinha vinte anos quando fiz a primeira colheita em Aunière. Éramos dezoito colhendo e estávamos jantando do lado de fora de casa por causa do calor.

— Depois do jantar, íamos para a cama na palha, quando um de nós voltou à frente da casa para procurar uma faca que tinha perdido. Ele voltou, ainda gritando, e tendo saído do celeiro todos os dezoito, eu, assim como os outros, vi uma espécie de cão deitado sobre a mesa em que jantamos.

— Assim que ela nos viu, saltou mais de seis metros no ar e fugiu pelos campos. E nós a galopar e vê-la correr e pular pelos arbustos, onde ela desapareceu de repente, e onde ninguém encontrou nem sinal de que passou por lá. Os cães se negaram a nos seguir e farejá-la. Eles apenas tremiam e uivavam no pátio.

— Agora — acrescenta ele —, se você me perguntar como era o animal, direi que só o vi no escuro e que me parecia bastante branco. Digo que era uma espécie de cachorro, não sei; mas parecia mais um cachorro do que qualquer outro animal que já vi, e, pelo tamanho, parecia comprido, comprido e com pernas finas que saltavam como eu nunca teria acreditado que um animal pudesse pular.

O certo é que o fazendeiro de Aunière, o grande Martinet, perdeu tantos animais naquele ano que resolveu se tornar curandeiro para se curar e afastar os feitiços que lhe eram feitos, por outros mais aprendeu feitiços e foi consultar o grande curandeiro que é chamado de fabricante de cascos de Bourg-Dieu, a mais de oito léguas daqui. Quando ele falou com o fabricante de cascos pela primeira vez, ele lhe disse:

— Você veio me buscar para um boi doente chamado Chauvet, e você tem em seu celeiro quatro pares de bois, dos quais vou lhe dizer todos os nomes, todas as idades, todas as cores.

Quem ficou maravilhado? Foi Martinet, quem o ouviu dizer e nomear tudo o que possuía de gado, embora o grande fabricante de cascos nunca tivesse vindo à nossa terra.

— Vá para casa — disse ele — e você encontrará o boi Chauvet de pé e a salvo. Mas, infelizmente, seu camarada Racinieux, que você deixou com boa saúde, estará morto quando você chegar.

— E você não pode evitar isso? — disse Martinet.

— Não, é tarde demais. A fera má já passou pela sua casa?

— É a verdade: você não pode me ensinar como limpar o ar pesado deixado pela fera?

— Até posso — disse o feiticeiro —, mas terei que ir até sua casa.

Os dois vieram a cavalo e, como eu era servo daquela casa na época, ouvi Martinet dizer quando chegou:

— Então você enterrou Racinieux esta manhã?

— Infelizmente, sim, mestre, permita-me perguntar: como você sabe disso?

— E o Chauvet está comendo bem agora?

Era verdade, exatamente como o fabricante de cascos havia dito. O boi doente foi curado; seu camarada, no entanto, que quando o mestre saiu não sentia nada, estava morto e enterrado.

Então Martinet, vendo o grande talento do fabricante de cascos, manteve-o em casa por oito dias e aprendeu a feitiçaria com ele. Não dormiram a noite toda, e saíram pelos campos e estradas, e era possível se ouvir vozes desconhecidas e um ritual abominável.

E o feiticeiro nos conduzia todos os dias ao pasto dos bois e nos mostrava o que os causava doenças. Era um sapo que aquela criatura que tínhamos visto que se parecia um cão branco havia colocado junto de amuletos e envenenamentos sob um torrão de grama. E quando os bois por lá passavam, começavam a arfar e a perder peso.

Então Martinet se tornou um grande estudioso, como todos sabem. Ele teve os melhores alunos do país e foi chamado como curandeiro em toda a província. Foi assim e não de outra forma que ele foi capaz de manter sua fazenda e se salvar do grande estrago que coisas ruins o causaram.

Martinet teve apenas problemas com sua esposa, que não queria que ele se entregasse à feitiçaria e que não gostava do grande fabricante de cascos. Um dia ele saiu da casa dizendo a Martinet:

— Se o assunto de que tratamos se resolver, lhe será revelado amanhã de

manhã, de uma forma que apenas você entenderá.

E, de fato, na manhã seguinte, enquanto tomávamos sopa, levantou-se uma forte brisa que deu uma baforada que fez a casa tremer, e um galo preto entrou na sala e se jogou no fogo onde foi totalmente queimado em um instante.

A mulher da casa queria salvar o galo, mas Martinet a segurou pelo braço e disse:

—Não lhe toque! — e ela ficou bastante assustada.

Assim como no passado, quando o fabricante de cascos estava lá e ela acabara de tirar leite de suas vacas, o leite ficou preto e eles tiveram que jogá-lo fora. Ela chorou, amaldiçoando o fabricante de cascos, mas o marido lhe disse:

— Renda-se a ele, e outra vez ofereça a ele seu leite e seu queijo e tudo que está aqui. — Ela obedeceu com muito medo e honradez.

Foi assim que foi expulso da fazenda o grande animal e também o homem sem cabeça, que caminhava ao lado da velha estrada de Verneuil, e os burros voadores que tantas vezes passavam por cima da casa. Martinet teve apenas muitas dores no corpo por se submeter a todas essas coisas ruins.

Ele era frequentemente atingido por espíritos de fogo-fátuo e que também lhe roubaram mais de dez chapéus e gorros. E, finalmente, ele sentia muitas vezes dores nos olhos, devido à bola de fogo que flamejava à sua frente no pescoço de sua égua.

---

<sup>6</sup>Veremos, mais tarde, uma certa analogia entre esta crença.



### **OS TRÊS HOMENS DE PEDRA**

*Alega-se que certos indivíduos dessa raça estúpida gritam para os transeuntes atrasados:*

*— Você tem braços? Você tem braços?*

*Se tivermos a imprudência de respondê-los que sim, resumem:*

*— Então dá-nos as tuas pernas!*

*E como eles enfeitiçam, ficamos lá o tempo que eles quiserem. Um pobre demônio que pulou para trás de medo disse a eles:*

*— Pegue minhas pernas, se quiser; já estão mortas. Não souberam como responder, então o homem conseguiu escapar de seu encanto.*

*Maurice Sand.*

Na região do Indre, que faz fronteira com o Creuse, a natureza muda de aspecto, os vales se aprofundam, os planaltos sobem, a vegetação dispara, as águas correm, os aterros profundos se erguem sobre as pedras. As tradições e lendas são, entretanto, mais raras nesta região pitoresca do que em nossas planícies; mas são geralmente tristes e, exceto no que se refere a Gargântua<sup>7</sup>, não encontrei ali aquele pano de fundo humorístico de Berry que muitas vezes mistura ironia com os terrores do mundo fantástico.

Chamei-a de Gargântua e, a esse respeito, perguntarei aos estudiosos se, antes da publicação do livro (é assim, creio, que se disse na época de Rabelais para

designar o grande, o único, o delirante literário sucesso da época), não havia nas províncias uma lenda popular de Gargântua, da qual o grande satírico teria se apoderado, como Goethe da lenda de Fausto, e como Molière da lenda da Estátua do Comandante.

Seria esta frase dos entusiastas contemporâneos de Rabelais, o livro, apenas uma fórmula de admiração exclusiva? Não significou também uma distinção a ser feita entre o poema brilhante e a lenda obscura? Os ogros trazidos de volta à moda por Perrault são de fato os mesmos gigantes que a cavalaria massacrou na Idade Média. Gargântua não seria da mesma família, e seu nome não teria sido retomado pelo autor de Pantagruel entre outros tipos populares, hoje esquecidos por terem existido apenas nos contos da vigília, de nossos ancestrais?

Em Berry, onde nenhuma tradição histórica permaneceu na memória dos camponeses, exceto na forma de mitos, ficamos muito surpresos ao encontrar uma espécie de história local muito precisa de Gargântua bem diferente do poema de Rabelais, embora da mesma cor. Em Montlevic, uma pequena eminência isolada na planície foi formada pelo pé de Gargântua. Enganado em nossas terras argilosas, o gigante sacudiu seu casco neste lugar e deixou uma colina lá.

No Creuse, na orla de Berry, encontramos Gargântua<sup>8</sup> atravessando a vasta e magnífica ravina por onde corre o rio, entre a torre do sino de Pin e a de Ceaulmont, plantada nas margens íngremes do abismo. Um barco cheio de monges passou entre as pernas do gigante. Ele pensou ter visto uma truta girando, abaixou-se, pegou a embarcação entre dois dedos, engoliu tudo, achou os monges grandes e gordos, mas rejeitou o barco, reclamando das espinhas do peixe.

Aqueles que lhe dizem essas coisas certamente nunca leram o livro, e nem seus ancestrais sabiam de sua existência. O nome de Rabelais é tão desconhecido para eles quanto os de Pantagruel e Panurge. O irmão Jean des Entomeures, esse tipo tão popular por natureza e linguagem, também não alcançou popularidade entre eles. Esses personagens são obra do poeta; mas creio que Gargântua é obra do povo e que, como todos os grandes criadores, Rabelais levou e tomou como sua propriedade.

As superstições das aldeias e vilas do Creuse, na baixa Berry, admitem, portanto, os gigantes, que, ao contrário, ocupam pouco lugar nas crônicas da região alta. A região alta está descoberta e ondulante; a região baixa, ravina e íngreme, assenta na rocha que serve de contrafortes para as encostas íngremes do terreno.

Essas rochas micaxistosas, de formas bizarras, assumem prontamente a aparência de figuras gigantescas; mas estão longe de parecer risíveis ao pescador

de má-fé que vai, durante a noite, levantar as armadilhas dos colegas. Não é o alegre Gargântua que lhe aparece: são os três homens de pedra, que durante o dia chamava de rochedo do monge, e que via sem temor de pé e imóveis à margem da água transparente.

Uma noite, Chauvat, do moinho abaixo, os viu moverem-se, descer de seu imenso pedestal e caminharem ao longo da costa, gesticulando; mas que gestos horríveis e que marcha aterrorizante! Pareciam não ter pés nem pernas e, no entanto, iam mais rápido do que as águas do Creuse, e os seixos esmagados gritavam sob seu peso. Ele fugiu para sua casa e se escondeu lá o melhor que pôde; mas os homens de pedra o tinham seguido e, como era um descrente que nunca sonhou em se recomendar a Deus, o menor desses colossos apoiou o cotovelo na empena da casa, que se espatifou como manteiga.

Chauvat, apavorado, fugiu para seu celeiro; mas o segundo dos homens de pedra colocou a mão sobre este e partiu-o em quatro, como se fosse um velho vaso huguenote.

Chauvat teve tempo de escapar e se refugiou na grande eclusa que corta o rio diagonalmente de um lado ao outro. Lá ele acreditou estar salvo; mas os três homens de pedra tomaram este caminho para voltar ao seu lugar normal na outra margem, e ele se viu forçado a ficar lá, ou a se jogar no rio que é muito profundo de ambos os lados; por correr mais rápido do que os gigantes avançavam, não foi necessário pensar nisso.

Ele se encolheu e se encolheu muito, sem ousar respirar, deitando-se ao nível da estrada, torcendo para que aqueles blocos perversos não o vissem. O primeiro passou; depois veio o segundo, que também passou. Chauvat começou a respirar. Finalmente veio o terceiro, que era de longe o maior e mais pesado, e que iria passar como os outros, mas a estrada estava escorregadia e o homem de pedra escorregou.

Felizmente, Chauvat finalmente se lembrou de seu batismo e fez o sinal-da-cruz pedindo a ajuda do céu. O homem de pedra tropeçou e não caiu, caso contrário o pobre pescador teria sido esmagado como uma casca de ovo.

Os repatriados contam entre a maioria dos hóspedes nesta mesma parte de Berry. Poucas casas não são assombradas por alguma alma perturbada. O Creuse, negro e rápido em certos lugares profundos, onde flui sem obstáculos, carrega os espíritos lamentosos de pessoas que encontraram a morte em suas ondas. À noite, ouvimos gritos de partir o coração; são os afogados que lamentam e pedem orações. Em outro lugar, ele espuma e estronda nas rochas; ouvimos aqui as imprecações dos condenados sem perdão.

A palavra retorno é de fato equivalente ao ato de voltar. No entanto, algumas velhas mulheres lhe dirão que as almas dos suicidas (os afogados) estão

condenadas ao trabalho eterno de virar as grandes pedras que amontoam o leito das torrentes. No meio de uma cachoeira do Creuse, uma dessas pedras negras parece tanto um barco encalhado que de longe pode lhe enganar. É uma pedra revirada: asseguramos-vos que é branca em baixo e que foi trazida de longe por aqueles que regressam.

Essas lendas, sem dúvida, relacionam-se com a triste memória dos desastres causados pelas inundações repentinas e terríveis do rio. Em 1845, uma torrente de chuva desabou tão repentinamente sobre os afluentes do Creuse que, neste lugar, uma torrente terrível fez a água subir, diz-se, a mais de trinta metros, trazendo toda uma floresta recentemente derrubada para suas costas.

Ao se aproximarem da única ponte do país, a floresta itinerante parou por duas horas, presa e espremida entre as duas margens íngremes, e a esta massa foram juntadas outras massas de telhados, barcos, barreiras e escombros de todos os tipos, e as crianças, que não duvidam de nada, passavam de uma margem a outra, pulando nesta montanha flutuante, acima das ondas furiosas. De repente, a montanha avançou, carregando a ponte presa a ela e varrendo tudo em seu caminho, casas, rebanhos, plantações e transeuntes.

No entanto, a memória deste desastre não foi suficiente para povoar as margens e ilhotas do terrível rio com almas em agonia. Soma-se a isso a vaga tradição de luta dos operários do sal contra os senhores do imposto do sal, numa época em que os senhores e a burguesia conduziam suas mulas carregadas de sal contrabandeado por caminhos íngremes. A história de Berry não diz nada sobre essa batalha. Os velhos camponeses ouviram isso de seus pais, que o herdaram dos avós. Muitas pessoas, dizem eles, morreram lá e foram jogadas das rochas no Creuse. É por isso que ouvimos, nas noites ruins, vozes que ninguém conhece e que clamam sem descanso: Sal! Sal! Ao grito, todas as mulas dos pastos vizinhos fogem, orelhas abaixadas e rabo entre as pernas, como se o demônio as perseguisse.

Nesta mesma região, a crença na grande serpente reaparece de vez em quando. Não nos importamos com as milhares de víboras que vivem nas rochas e que, dizem, nunca fizeram mal a ninguém; mas a serpente de doze metros de comprimento e com a cabeça de homem, é ela que nos preocupa. É provavelmente a mesma que, nos tempos antigos, comeu três prisioneiros na masmorra da grande torre de Châteaubrun. Desde então ela apareceu várias vezes, e no ano passado, 1857, todo o país estava em turbulência, porque uma pastora a viu em um arbusto. Mais de cinquenta caçadores estavam a pé para procurá-la; mas, como de costume, não foi encontrada.

---

<sup>7</sup>A vida de Gargântua e de Pantagruel é uma pentalogia de romances escrito por François Rabelais sobre dois gigantes, um deles se chamava Gargântua.

<sup>8</sup>Em Normandie merveilleuse, a Srta. Amélie Bosquet nos conta que é possível se encontrar a lenda até mesmo sob o nome, talvez celta, de Gerguintua.



### ***O FOGO-FÁTUO DE EP-NELL***

*Sob a Pedra de Ep-nell, um fogo-fátuo de uma raça ruim se alastrou. Do tipo que tem uma enorme cauda: estas são as piores. Em vez de curar e passear com os cavalos; os assustam, maltratam e os tornam lentos.*

*Maurice Sand.*

Georgeon era o demônio da parte de Berry conhecida como Vale Negro. Digo que era porque hoje está muito esquecido e precisaremos voltar à memória dos velhos que morreram há trinta anos para recuperar do rio do esquecimento, que passa tão depressa, o nome misterioso que nunca foi escrito, “nem no papel, nem na madeira, nem na ardósia, nem em qualquer pedra, nem no tecido, nem na terra, nem no pó ou na areia, nem mesmo na neve que caiu do céu”. Este nome terrível, que presidia as fórmulas mais eficazes e secretas, devia ser confiado aos adeptos da feitiçaria apenas sussurrado ao ouvido, não podendo ser dito mais de três vezes. Se eles se esquecessem as consequências eram desastrosas e para ouvi-lo de novo havia de se pagar o preço.

Este nome não deve, sob nenhuma circunstância, ser revelado a leigos e nunca falado em voz alta, exceto na noite escura e em completa solidão. Aquele que o confiou a mim foi surpreendido por não acreditar. Ele então se arrependeu de ter me contado e voltou para me implorar para nunca o repetir.

— Tive um pesadelo ontem à noite — disse ele —, três vezes minha janela se

abriu sem ninguém além de mim estar no meu quarto.

Qual era a posição e o título de Georgeon na hierarquia dos espíritos malignos? Isso é o que eu não consegui descobrir. Foi ele quem teve de ser invocado em uma encruzilhada, ou sob certas árvores velhas e de má fama, para revelar o espírito misterioso. Ele tinha poder por si mesmo sobre certas coisas da natureza ou era apenas um mensageiro intermediário entre o inferno e o adepto? Eu acredito que seja um homem chamado Georgeon que foi levado para Montgivray pelo diabo. É talvez esta alma má que, portanto, encarregou-se de conduzir outras almas à perdição.

Georgeon era meio invisível, no sentido de que só aparecia em noites sem lua ou em meio a nevoeiros densos. Então se apresentava como uma forma humana maior que a vida; mas a vestimenta, os traços, os detalhes dessa forma sempre permaneceram indefinidos, ou tão vagos que é impossível preservar a memória e também reconhecê-la, mesmo pela voz, quando se tinha várias entrevistas com ele. Cada vez você tinha que chamá-la pelo nome e dizer:

“É você com quem falei em tal noite e em tal lugar?” Se ele não respondesse é porque estava tentando ver se você era cuidadoso e não contaria nada do que acontecera nas conversas anteriores com o diabo, ou então era porque Georgeon escondeu sua identidade para testar a discrição e prudência de seu adepto, ou que o camponês era prudente a ponto de desconfiar do demônio, mesmo depois de se entregar a ele.

É certo, pelo menos, que o camponês afirma ser astuto como Satanás e que em todas as províncias suas lendas maravilhosas estão cheias de travessuras atribuídas a bons camaradas, que conseguiram enganar o demônio e o ter nas mãos.

Entre as mais bonitas, devemos citar a do duende apaixonado, relatada pelo autor de Normandie merveilleuse e que tem toda a graça da linguagem rústica. O duende havia se apaixonado por uma bela camponesa; todas as noites, enquanto ela estava dançando ao redor do fogo, ele vinha e se sentava em um banquinho no outro canto da lareira.

A mulher, tendo notado sua presença e seus olhares cobiçosos, avisou seu marido, que pegou as suas roupas, seu lugar e sua roca e, fingindo fiar, esperou pelo duende. Este chegou, olhou de soslaio para o fio estranho e lhe disse:

— Onde está a bela, bela moça de ontem à noite, que gira, gira, e sempre atordoa? Já você, você vira, vira, e você não gira nunca.

O marido não respondeu e esperou que o duende se sentasse na escada de onde costumava devorar a dona de casa com os olhos, e onde o queimador de pedra<sup>9</sup> tinha sido cuidadosamente colocado vermelho no fogo. O duende realmente se sentou, queimou sua cauda de forma ultrajante e soltou um grito

alto, dizendo:

— Quem me fez essa maldade? Foi a bela, bela moça que sempre atordoa?

— Não — respondeu o marido —, fui eu, eu mesmo que não giro nunca!

O duende exasperado voou pela chaminé para chamar seus companheiros que estavam fazendo suas travessuras no telhado.

— O que você tem a gritar, gritar? — eles disseram a ele<sup>10</sup>.

Sua resposta pareceu tão estúpida para os outros duendes, que são espíritos muito zombeteiros, que o marido da bela fiandeira ouviu-os rir como loucos, vaiar, zombar e perseguir o pobre apaixonado, o que o deixou muito feliz, pois teve medo de ter que enfrentar todo o bando de duendes, e nunca mais o duende apaixonado por sua esposa ousou aparecer novamente em sua casa.

Esta lenda normanda tem uma espécie de contrapartida em Berry, ou melhor, é a mesma lenda, com variações que caracterizam o espírito local.

Aqui, a história do fogo-fátuo não diz precisamente a que tipo de espíritos malignos ele pertencia, mas não havia amor em mente. Racional como um demônio de Berry, ele só queria enfurecer a fiandeira, que não fiava o linho no fuso, mas fiava lã em uma roda de fiar, e, em vez de olhá-la com olhos ternos, ele emaranhava e quebrava seu fio para poder, enquanto ela o remendava, escorregar para dentro do arco (a caixa do pão) e então roubar as panquecas que a dona de casa tinha guardado para os filhos.

Percebendo esse carrossel, a boa mulher, fingindo não fazer nada, se abaixou, pegou sutilmente a ponta da longa cauda da criatura, amarrou-a com seu fio de lã e começou a girar, girar em sua roda giratória, como se fosse uma meada.

A criatura não percebeu de imediato, ocupado em se afundar nas panquecas de queijo, mas quando a roda girou cinco ou seis braçadas de cauda, ele finalmente sentiu e começou a gritar:

— Minha cauda, minha cauda.

A fiandeira o ignorou e, ainda girando, começou a cantar:

— Roda, roda, minha roda! — com uma voz tão boa e fazendo tanto barulho com sua roda, que os outros demônios, emboscados no telhado, não ouviram os gemidos e maldições de seu camarada, que foi forçado a se render e a jurar pelo nome do grande diabo do inferno que ele nunca colocaria os pés na casa novamente.

Segundo algumas versões, o duende que gosta de brincar, confundir e misturar os fios dos carretéis é um espírito feminino, uma raça maligna. Ouvi, na minha infância, uma velha que costumava dizer nessa ocasião:

— O atrevido apareceu! — e ela fazia uma cruz na mão para afastar o diabo.

O que em outro lugar é chamado de duende, fada, anão, leprechaun, kobbold, orc, elfo, troll etc., em Berry é mais frequentemente chamado de fogo-fátuo.

Existem bons e maus.

Existe o fogo-fátuo que cuida dos cavalos no estábulo e cujos lavradores ouvem o chicote como seu chamado e sua linguagem, bem como aqueles que, à noite, fazem o cavalo galopar no pasto e que emaranham sua crina (já que são muito pequenos para ficarem na garupa do animal e sempre se alastram no pescoço), são criaturas razoavelmente boas e fogem ao se aproximar do homem.

Todas as suas maldades consistem em matar ou abortar éguas cujas crinas elas cortam, já que gostam de trançá-las e usá-las. As montarias favoritas do fogo-fátuo são chamadas de cavalos encaracolados e, no passado, eram consideradas as melhores e mais ardentes. As éguas vestidas com fios de lã eram procuradas na feira como boas éguas reprodutoras.

Muitas pessoas acreditam que esses fogo-fátuos de cavalos ainda existem entre nós. Todos os camponeses de quarenta anos que se dedicaram à criação de cavalos o viram e juraram com uma franqueza impossível de questionar. Eles nunca sentiram medo, sabendo que não eram maus. Todos eles os descrevem da mesma maneira.

São do tamanho de um pequeno galo e tem uma crista vermelha brilhante. Seus olhos são de fogo, seu corpo é de um homenzinho razoavelmente bem feito, exceto por ter garras em vez de unhas. Variamos quanto à cauda; segundo alguns, é feita de penas; segundo outros, é como a cauda de um rato de comprimento amplo, e que é usada como um chicote para fazer correr a sua montaria.

No norte da França, alguns desses anões são muito desagradáveis e gostam de enganar os viajantes. Em março, ao redor dos dólmens, qualquer espírito é perigoso e hostil ao homem porque se encarrega de guardar os tesouros escondidos sob as grandes pedras. Ai dos curiosos e sobretudo dos ambiciosos que rondam à noite por estes monumentos onde reina o mistério eterno da tradição. Eles pulam no pescoço do cavalo, derrubam o cavaleiro e batem nele.

Porém, podemos nos proteger deles de várias maneiras, quando tivermos a ousadia de estudar, com qualquer risco, seus hábitos e suas fantasias. Geralmente, eles não são inteligentes e falam a linguagem humana com dificuldade. Como os da Normandia e como os Korigans da Bretanha, têm a mania, ou melhor, a enfermidade de repetir a mesma palavra duas vezes, sem poder chegar a três, ou se ultrapassarem este número, ao duplicá-lo, não podem dizê-la uma sétima vez.

Um caçador de tesouros, que viu um duende saltar à sua frente, arrastando-o para um círculo magnético e dizendo-lhe constantemente com uma vozinha estridente:

— Vira, vira.

Deteve-o respondendo:

— Viro, volto e desvio.

O duende não entendeu e, pensando que essa era uma fórmula além de seu conhecimento, soltou o homem, pulou em uma pedra e a fez girar tão rápido que fogo saiu dela... O homem não se atreveu a se aproximar, mas conseguiu se retirar sem ser seguido. Só que o duende lhe dera um tal movimento giratório, fazendo-o valsar com ele em volta da pedra frenética, que o homem voltou para casa, ainda girando sobre si mesmo como um pião, e caiu de fadiga na porta de sua casa.

---

<sup>9</sup>Uma espécie de grelha/chapa metálica para cozinhar panquecas.

<sup>10</sup>O camponês da Baixa Normandia, autor desta lenda, dificilmente suspeitou que ele estava aqui imitando a Homero.



### **O QUEBRA GALHO**

*Ai daquele que coleta lenha e encontra o homem de ferro vermelho em seu caminho! Assolando as árvores da floresta, não permite que os humanos se aproveitem de seus danos.*

*Maurice Sand.*

O pobre camponês às vezes é um poeta charmoso. Veja esta fábula em que ele faz piada da sua própria miséria com tão doce melancolia:

“Em abril, o pintarroxo e o rei-Berthault (a carriça) se encontraram na floresta e pediram um ao outro suas deportações.

— Está tudo ótimo, graças a Deus — disse o pintarroxo. — Tive um bom inverno.

— E eu também — disse o Rei Berthault —, passei o inverno com o lenhador e passei muito calor! Essas pessoas fazem fogueiras, se você soubesse, meu caro! Eles queimam toras tão grandes quanto minha perna!

— Verdade? — disse o pintarroxo maravilhado. — Que bom! Já eu me empanturrei na casa do lavrador! Ele tinha trigo no sótão. Ah, mas que trigo! Quase explodi de tanto comer!

As alucinações do camponês que, a par das suas tradições, muitas vezes dão origem a crenças e lendas, provam que, geralmente somos privados do sentido de uma observação clara, existe a extraordinária faculdade poética de

personificar as coisas, e de lhes infiltrar um lado fantasioso. Os reflexos ígneos do sol poente sob as grandes sombras deram à luz ao homem do fogo ou do ferro vermelho, ou simplesmente da madeira vermelha<sup>11</sup>, que corre de galho em galho, quebrando ou incendiando-os.

É ele quem, durante a noite, causa incêndios terríveis, onde florestas inteiras são devoradas e cuja causa, muitas vezes atribuída à malícia, permanece muito misteriosa. Digamos, de passagem, que a queda dos aerólitos pode explicar muitas coisas e que o camponês hoje começa a perceber isso.

No ano passado, uma mulher de Berthenoux estava tricotando em frente à sua porta, quando viu uma luz tão forte que achou que fosse cegá-la, seguida de um barulho ensurdecedor. Em poucos instantes sua casa estava pegando fogo; ela só teve tempo de pegar seu filho adormecido e viu sua pobre casa queimar com uma rapidez que parecia um milagre.

— Não foi — disse ela — um incêndio como qualquer outro, vi algo cair do céu; mas não era o fogo comum do céu; o ar estava calmo e não havia nenhuma tempestade.

O fato foi notado por muitas testemunhas e ninguém pensou em acusar a pobre mulher de ter se entregado ao demônio ou de ter incorrido na ira do céu. Cem anos atrás, as coisas teriam sido diferentes. A infeliz mulher teria sido amaldiçoada e repelida por todos, ou então seus vizinhos teriam sido acusados de bruxaria. Duzentos anos atrás, certamente alguém teria sido queimado por esse fato, fosse a vítima do incêndio ou o primeiro transeunte que espirrou na hora do desastre.

O homem do fogo também é chamado de quebra galhos. Ele assume várias aparências e desempenha vários papéis, dependendo da localidade. Ele nem sempre é extravagante e inflamado e é ouvido com mais frequência do que aparece. Nas noites de neblina, atinge as árvores com golpes fortes, e os guardas da floresta, convencidos de que estão lidando com ousados ladrões de madeira, correm na direção do barulho e às vezes percebem o clarão pálido de seu poderoso machado.

Mas, por mais estranho que pareça, essas grandes árvores que se ouviam gritar sob seus golpes, e que se esperava encontrar profundamente entalhadas, não apresentavam o menor vestígio de nada disso. O vândalo, ou o cortador, ou o golpeador, porque o fantasma carrega todos esses nomes, é às vezes o espírito protetor da floresta pela qual ele sente grande afeto. Devemos ter cuidado para não tocar nas árvores em que golpeou e dessa forma alertá-lo.

Sabemos que as toras podres às vezes emanam um brilho fosforescente. Este brilho muito real e visível deu origem a uma série de supostas aparições. Eu vi um dos aspectos mais bonitos, e o camponês que me acompanhava me contou a

seguinte história:

Um bom padre, que não tinha medo de nada, costumava passar a noite no mato, voltando de uma paróquia nas cercanias onde ia jantar e jogar cartas com um colega.

Ele ainda viu, no mesmo local, um brilho branco ao qual não prestou muita atenção, embora seu cavalo se desviasse um pouco cada vez e levantasse as orelhas como se tivesse visto ou sentido algo extraordinário.

Uma noite, quando a luz lhe parecia mais forte do que de costume e seu cavalo estava mais ansioso, o padre resolveu ver do que se tratava e quis entrar no bosque pelo lado onde a luz aparecia; mas seu cavalo se recusou com tal veemência que ele desistiu e resolveu ir ver se havia algum leito de carvão mal coberto que ameaçasse incendiar a floresta.

Ele voltou lá na manhã seguinte e descobriu, por mais de um quarto de légua ao redor, nenhum carvão queimando ou se apagando, nenhuma cabana, nenhum traço de fogo ou causa de luz. Então deixou estar e não pensou mais nisso.

Mas, uma semana depois, passando lá novamente por volta da meia-noite, ele viu um grande anel de fogo branco brilhando em seu caminho, e seu cavalo empinou e recusou-se a se mover.

O padre desmontou, pegou seu animal pela rédea e avançou resolutamente seguindo o fogo, que não só não o queimou como também não emitia calor.

Ele ficou tão surpreso que, chegando ao meio do círculo, não pôde deixar de rir e exclamar:

— Ah, mas que diabos! Esta é a primeira vez na minha vida que eu vejo fogo frio.

Este bom padre, tendo anteriormente servido no exército, tinha o péssimo hábito de falar alguns palavrões, mas sem maldade alguma.

Assim que ele desistiu desse pensamento temerário, ouviu uma voz sibilando como gordura chiando em uma panela, e esta voz, que parecia vir de baixo do solo, disse:

— Se você quer uma fogueira quente, nós lhe daremos.

Depois disso, o padre sentiu o medo percorrer seus cabelos; mas não perdeu a cabeça e respondeu com muita propriedade:

— Obrigado, meu camarada lá debaixo, não preciso de nada.

O fogo cessou subitamente e a voz parecia afundar-se novamente no subsolo, murmurando:

— Padre covarde, vá para a cama, vá, padre covarde!

Esse insulto irritou o ex-capelão do regimento.

— Padre covarde?! — ele disse o mais alto possível. — Padre covarde?! Pois bem, e quanto a você? O grande incendiário que se esconde debaixo da terra? —

E com a ponta da bengala, ele fez um grande círculo ao redor dele onde tinha visto o anel branco de fogo, ainda rindo, dizendo:

— Está vendo, eu não quero sair daqui. Está aí. Estou esperando por você, homem ou demônio!

E como nada apareceu ou se mexeu, ele lutava com sua bengala, batendo na sua frente, à direita, à esquerda, atrás, em todos os lugares, e cada vez que batia ouvia gemidos e gritos como se trinta demônios invisíveis tivessem recebido o golpe que ele administrou.

Agora, como este jogo agradava seu ânimo corajoso, ele tomou gosto e raiva e assim bateu nos demônios por uma hora, até que os gritos e reclamações, que estavam sempre diminuindo, deram lugar a suspiros fracos e finalmente ao silêncio mais profundo. Então o padre, que tinha suado muito, saiu do círculo e foi buscar seu cavalo que havia fugido para não muito longe dali.

Depois de enxugar a testa e voltar para a sela, ele retomou o caminho para sua paróquia e nunca mais viu o brilho da madeira.

Mas na véspera do dia de finados do mesmo ano, ele ouviu uma batida em sua porta à meia-noite. Chamou o sacristão, que o servia como criado, e disse-lhe:

— Meu filho, estão batendo lá embaixo. Vá ver o que é!

O sacristão foi abrir a porta e voltou dizendo:

— Foi impressão sua, senhor padre, não tem ninguém na porta.

O padre voltou a adormecer; mas, ouvindo batidas pela segunda vez, acordou novamente. Ele chamou outra vez seu valete, que estava voltando para a cama, e jurou que estava errado. De sua parte, o valete não tinha ouvido nada. O padre estava voltando para sua cama quando ouviu outra batida.

— Jean — disse ele —, você ficou surdo ou é um barulho dentro dos meus ouvidos?

— É algo de sua cabeça, senhor padre — respondeu Jean —, não ouço nada além do “tique-taque” do relógio da igreja e do “piu-piu” da coruja na torre.

O padre imaginou que talvez fosse um aviso do céu de que ele deveria se colocar em estado de graça antes de morrer, mas, como era um homem que queria ter certeza dos fatos, acendeu uma lanterna e desceu as escadas para abri-la sozinho.

— Boa noite, padre cadete — respondeu o padre sem ficar desconcertado e fechou a porta, acreditando não passar de fruto de sua imaginação, pois havia enterrado o padre cadete há cerca de um ano.

Ele estava prestes a subir as escadas para seu quarto quando ouviu outra batida.

— Bem — disse ele —, este pobre defunto terá se esquecido de me pedir orações; não devo negá-lo. — E tornou a abrir a porta, dizendo: — Ainda está aí,

padre cadete?

— Não, senhor padre, sou eu — disse uma voz de mulher. — Vim desejar-lhe boa-noite.

— E para você também, madre Guite — ele respondeu fechando a porta; no entanto, madre Guite tinha sido enterrada com rituais cristãos cerca de seis meses atrás.

Mas houve outra batida, e desta vez o padre ouviu uma voz jovem e suave dizendo-lhe:

— Sou eu, Jeanne Bonnine, a mãe da criança que você batizou e enterrou no mesmo dia no verão passado. Vim desejar-lhe boa-noite, senhor padre.

— Meu deus, disse o padre, já que querem tanto me deixar esta noite sem dormir, porque não são honestos comigo e venham todos juntos. Assim acabamos com isso logo!

Imediatamente, o sacerdote viu claramente, diante de sua porta, uma dezena de pessoas que havia enterrado durante o ano, homens, mulheres, velhos e jovens: o padre Chaudy, que morrera na colheita e que ainda segurava sua foice; Jeanne Bonnine, que morrera no parto e segurava seu pobre filho nos braços; e a velha Guite, que morrera de muito medo ao ver o homem de ferro vermelho censurá-la e ameaçá-la, certa noite, enquanto ela pegava lenha.

— Isso, meus queridos paroquianos — disse o padre ousado. — Estou feliz em vê-los de pé. Vocês estão todos no paraíso, minhas boas almas?

— Partimos em nosso caminho, senhor padre — respondeu Jeanne. — Estávamos sofrendo por nossos pecados sob os cuidados de um espírito perverso que nos fazia dançar todas as noites sob as árvores; mas você os derrotou tão bem no Bosque du Chassin que nosso castigo foi cancelado. Ah, com que força você bate, senhor padre! Deus te pague pelo bem que você tem feito às nossas almas!

— Que bom, meus filhos! — respondeu o padre. — Boa viagem e roguem por mim!

— E ele dormiu bem como nunca antes na vida — disse o narrador ao terminar.

---

<sup>11</sup>A árvore conhecida como “sangue de dragão”, ao ser cortada sua madeira, jorra uma resina vermelho sangue.



### ***O LÍDER DOS LOBOS***

*Cem cordeiros você terá  
Correndo e de saúde muito bem  
Bela, se comigo você virá  
Chegarão seus cordeiros aos cem*

*Os cordeiros que você tem  
Têm a boca muito grande  
Terá que mantê-los sem mim  
Os cordeiros que você tem*

*Coletado por Maurice Sand.*

Paunay, Saunay, Rosnay, Villiers  
Quatro bruxas da paróquia.

Este é um ditado da província de Brenne, e os historiadores de Berry designam esta região pantanosa como a província privilegiada dos líderes dos lobos e lançadores de feitiços.

A crença nos líderes lobos é difundida em toda a França. É o último vestígio da antiga lenda dos licantropos. Em Berry, onde as histórias que contamos a nossos netos não são mais tão maravilhosas ou terríveis quanto aquelas que

nossas avós costumavam nos contar, não me lembro de ninguém ter me contado sobre os homens-lobos da antiguidade e da Idade Média.

No entanto, a palavra lobisomem ainda é usada lá, o que significa, por si só, homem-lobo; mas perdemos seu verdadeiro significado. O lobisomem é um lobo enfeitiçado, e os líderes dos lobos não são mais os capitães daqueles bandos de bruxos que se transformaram em lobos para devorar crianças; eles são homens eruditos e misteriosos, velhos lenhadores ou caçadores habilidosos, que têm o poder de enfeitiçar, subjugar, domar e liderar lobos reais.

Conheço várias pessoas que encontraram, às primeiras luzes da lua, na encruzilhada da Cruz Branca, o padre Soupison, cujo apelido é Demonnet, andando sozinho por grandes distâncias, seguido por mais de trinta lobos.

Uma noite, na floresta de Châteauroux, dois homens, que me contaram o fato, viram um grande bando de lobos passar pela floresta. Eles ficaram muito assustados e escalaram uma árvore, de onde viram esses animais pararem na porta de uma cabana de lenhador. Eles o cercaram, soltando uivos assustadores. O lenhador saiu, falou com eles em uma língua desconhecida e caminhou entre eles, depois disso eles se dispersaram sem lhe fazer mal.

Esta é uma história de camponês, mas duas pessoas ricas e instruídas, gente de grande senso e habilidade nos negócios que moravam nas proximidades de uma floresta onde muitas vezes caçavam, juraram, por sua honra, ter visto, estando juntos, um velho patrulheiro, a quem conheciam, parando em uma grande encruzilhada e fazendo gestos bizarros. Essas duas pessoas se esconderam para observá-lo e viram treze lobos, um dos quais enorme e que foi direto ao feiticeiro e o abraçou; o último sibilou para os outros, como alguém que assobia para os cães, e com eles entrou na densa floresta. As duas testemunhas dessa estranha cena não ousaram segui-lo até lá e se retiraram tão surpresas quanto amedrontadas.

Isso me foi dito com tanta seriedade que declaro que não tenho opinião sobre o fato. Fui criada no campo e acreditei por tanto tempo em certas visões que não presenciei eu mesma, mas que vi passar ao meu redor, que ainda hoje não sei dizer com confiança onde termina a realidade e onde começa a alucinação. Eu sei que existem treinadores de animais ferozes. Existem encantadores de animais selvagens na natureza?

As duas pessoas que me contaram sobre o fato acima o sonharam simultaneamente ou o suposto mago domesticou treze lobos para seu próprio prazer? O que acredito firmemente é que os dois narradores viram a mesma coisa de forma idêntica e que o afirmaram com sinceridade.

Em Morvan, os menestréis são líderes de lobos. Eles só podem aprender música se dedicando ao diabo, e muitas vezes seu mestre bate neles e quebra

seus instrumentos em suas costas, quando eles o desobedecem. Os lobos daquela terra também são súditos de Satanás; eles não são lobos reais. A tradição da licantropia teria sido mais bem preservada lá do que em Berry.

Cinquenta anos atrás, os tocadores de gaita de fole, ainda ditos serem feiticeiros no Vallée Noire (Vale Negro), perderam essa má fama; mas ainda se conta a história de um mestre de gaita de fole que tinha tanto talento e uma conduta tão cristã que o pároco o fez tocar na missa durante a elevação. Tocava árias de igreja que serviam muito bem à educação musical dos menestréis da época, mas que raramente lhes era permitida pelos padres, por causa de suas práticas secretas, que não eram, segundo dizem, as mais católicas do mundo.

O grande Julien, de Saint-August, teve, portanto, este privilégio excepcional, e quando tocava na missa era uma maravilha de ouvir, e a paróquia o adorava.

Certa noite, quando voltava depois de tocar por três dias em um casamento no campo, ele ouviu uma gaita de fole tocando na charneca, tocando sozinha; outros dizem que foi o vento que a tocou.

Espantado ao ouvir essa gaita de fole e ao ver que ninguém a tocava, ele parou e ficou com medo. A gaita de fole passou bem ao seu lado, como se não o visse, e continuou a tocar de uma maneira tão bonita que Julien nunca tinha ouvido nada parecido e de repente ficou louco de inveja.

Então, ao invés de seguir em frente como um homem sensato, ele se virou e seguiu essa gaita de fole para ouvi-la e tentar copiar a melodia que o deixou chateado por não conhecer.

Ele a seguiu primeiro um pouco de longe, depois um pouco mais de perto, e então, finalmente, ficou mais ousado a ponto de pular e tentar pegá-la; porque ver um instrumento tão bom e bonito sem um mestre era tentador para um homem cujo ofício era tocar gaita de fole.

Mas a gaita de fole subiu no ar e continuou a tocar sem que ele pudesse pegá-la, e ele voltou para casa com grande preocupação e até mesmo muito pesar. E quando lhe perguntaram, nos dias seguintes, por que parecia estar com dor de doente, ele respondeu:

— O ar noturno soa melhor do que eu; tudo que aprendi não valeu a pena!

Não sabiam o que ele queria dizer, mas o ouviam estudar uma música nova que não se parecia em nada com as outras ou com a que tocava até então; e à noite ele se afastava sozinho, pegava a gaita de fole e voltava ao amanhecer, muito cansado, mas tocando cada vez melhor uma melodia estranha e que ninguém conseguia entender.

Isso foi relatado ao padre, que o chamou e lhe disse:

— Julien, eu sei que o diabo está sempre perseguindo e tentando as pessoas de sua profissão; disseram-me que você sai sozinho à noite, a lugares de que não

precisa, e que parece atormentado. Cuide-se, Julien; se você começar mal, acabará mal!

Era um sábado. No dia seguinte foi uma grande festa, houve uma grande missa e Julien prometeu tocar conforme estava acostumado.

Porém, pela manhã, o sacristão veio dizer ao padre que havia visto Julien na charneca, tocando de uma maneira que não era cristã e levando atrás dele mais de trezentos lobos, que fugiram quando ele se aproximou.

O padre mandou chamar Julien novamente e o interrogou. Julien deu de ombros, dizendo que o sacristão tinha bebido.

E como, de fato, o sacristão tinha bebido, sua palavra não assustou o padre, que foi rezar e cantar a missa.

Quando estava na elevação, Julien também começou a tocar sua canção de igreja; mas, embora ele pudesse ter tido o intuito de tocá-la como sempre o fez, não resistiu a força do ar, e o que tocou não foi outra coisa senão a própria canção do diabo que o vento lhe ensinou.

O fato perturbou o padre, que, três vezes antes de consagrar a hóstia, mexeu-se e bateu o pé para silenciar a música maléfica; até que resolveu levantar a hóstia, pensando que Deus se faria respeitado, e pronunciou as palavras da consagração.

No mesmo instante, a gaita de foles de Julien explodiu em suas mãos, com um ruído como se a alma do diabo tivesse saído de seu interior, o atingiu no estômago com tamanha força que o fez cair bastante debilitado (quase desmaiando) no pavimento da igreja.

Ele foi levado para sua casa, onde ficou gravemente doente, mas se recuperou pela graça de Deus e pela palavra do senhor padre, que o fez renunciar às suas más práticas e a quem confessou ter brincado com os lobos da charneca. Desde então, ele toca como um bom cristão e deixa os lobos vagarem sozinhos ou na companhia de outros tocadores de sinos amaldiçoados.

Dizem que estes o puniram por ter contado o segredo e que muitas vezes bateram nele para se vingar, mas ele suportou seus maus-tratos com espírito de penitência e teve um final feliz, ensinando música de gaita de foles para seus filhos e os desviando de querer saber mais do que deveriam.



## **O LUPEUX**

*Charli sempre o ouvia, quando ele voltava depois de quebrar pedras na estrada.*

*— Sim — disse ele à mulher ao voltar para casa —, ainda me seguia esta noite, percorrendo o mato, uivando para a lua; mas eu disse em voz alta: lupeux, por mais que você queira, você não vai me fazer virar a cabeça para te ver.*

*Maurice Sand.*

O autor de Normandie merveilleuse, que gostamos de citar, fala das feras mortas-vivas (assim se chamam em Berry) e menciona o cão de Monthulé, que apareceu aos habitantes da comuna de Sainte-Croix-sur-Aizier, não fazendo mal aos homens, mas nunca se permitindo ser abordado ou tocado, e limitando sua malícia a atormentar cães jovens, de tal maneira que nenhum poderia ser criado na localidade.

Diz a lenda normanda que este cão pertencera a um misterioso viajante e que fora morto pelo dono da fazenda de Monthulé. Seu mestre, procurando por ele em todos os lugares, foi à fazenda, onde lhe disseram que o animal morreu por causas naturais.

— Se você não me disser a verdade — respondeu o viajante — irei descobrir de qualquer forma! E desapareceu.

A partir daquele momento, o cachorro se tornou um fantasma para atormentar

seus assassinos. O autor acrescenta:

“Observe que neste conto uma nova crença se manifesta; uma alma é atribuída ao animal, pois compartilha com o homem a faculdade de reaparecer depois de sua morte.”

Vimos a mesma crença em nossa província. Uma velha de nossa aldeia perdeu um animal de seu rebanho, uma ovelha negra, que ela suspeitava que um vizinho perverso tivesse matado por envenenamento ou maldição. A pobre ovelha foi enterrada e a boa mulher estava dormindo, quando ouviu sua ovelha balir e se remexer no celeiro, como se estivesse tendo uma experiência sobrenatural.

Ela se levantou e abriu a porta, viu então sua ovelha negra tentando entrar no estábulo onde costumava ficar. A boa mulher, assustada, foi para casa e se escondeu; mas a ovelha continuou a atormentá-la.

A mulher tomou coragem e voltou para vê-la. Isso aconteceu três vezes. Três vezes ela viu sua ovelha tentando entrar, e a ovelha vindo ao portão do celeiro para chamá-la e pedindo para acariciá-la. Mas era apenas uma sombra; a velha não conseguiu agarrá-la e, ao abrir a porta do estábulo, a ovelha saiu, procurou, baliu e voltou, como se ela também tivesse percebido a ilusão que acabara de sofrer.

Eu ouvi a história de uma pega que pertenceu a Grand'Gothe, uma das melhores bruxas da região. Esta pega aprendera a falar e a todas as calúnias que ouvia proferir a patroa, e repetia aos transeuntes como um insulto. Tanto que os jovens, cansados de ouvir seus segredos divulgados por esse pássaro malvado, torceram seu pescoço. Grand'Gothe previu que a pessoa se arrependeria mais cedo ou mais tarde e morreria logo depois.

Ninguém se arrependeu. Seu irmão mais velho, o padre Grand-Jean, não era um homem mau, mas ficava acamado com tanta frequência que era mal visto. Os dois velhos e a pega partiram na mesma quinzena.

No entanto, o Padre Grand-Jean tinha cumprido até ao fim, da melhor maneira que pôde, as funções de sacristão, que, na paróquia fechada desde a Revolução, se limitava a guardar as chaves da igreja em casa e a lembrar da hora do angelus três vezes ao dia. Essa prática não era de forma alguma obrigatória; mas os habitantes, acostumados a ouvir o som dos seus sinos, que para eles eram uma espécie de relógio, teriam ficado desorientados se o sacristão não o fizesse.

Porém, como ele estava muito abatido e frequentemente doente demais para fazê-lo, sua irmã, a Grand'Gothe, que permaneceu firme e forte até seu último dia, batia o sino na hora do angelus quando ele não conseguiu sair da cama. Diz-se que ela era tão ímpia que, quando ia sacudir o velho sino, gritava coisas absurdas e sujas pela igreja, onde ninguém ousava entrar.

Tanto é que, no intervalo de algumas semanas, que decorreram entre a morte

do velho sacristão e a nomeação do seu sucessor, o sino tocava sozinho três vezes por dia, e todas as noites as pessoas observavam, mas ninguém entrava na igreja.

Só que vimos a velha pega voar ao campanário, e como duvidávamos que fosse a mesma que havia sido morta e jogada no esterco pelos homens da aldeia, ouvimos sua vozinha rouca que começou novamente a contar a todos os segredos da aldeia, um de cada um, e insultando homens e mulheres, jovens e velhos, sem respeito ou consideração. E muitas coisas foram reveladas através dela que divertiram alguns e irritavam outros. O pior é que não sabíamos como nos livrar dessa pega ruim, exceto fazendo com que missas fossem rezadas por ela. A coisa durou até o novo sacristão tomar posse da igreja, e como ele era um bom cristão, orando com firmeza e fé, o espírito maligno desapareceu e o sino obedeceu apenas a quem tinha o direito de tocá-lo.

Naturalmente, a memória desta fantástica e caluniosa pega nos lembra da lenda do lupeux, que não deve ser confundida com as outras variedades do lobisomem.

O lupeux é um demônio cuja natureza nunca foi bem definida e cuja aparência varia conforme a localidade. É ainda na província de Brenne que ele vive, nestas planícies intermináveis salpicadas de imensos lagos onde todos têm uma lenda a contar e onde vivem as grandes serpentes que dão febres, primas de primeiro grau das cocadrilhas que vemos quando as águas estão baixas, mas que só podem ser destruídas secando os pântanos onde residem desde que o mundo veio à existência.

Um dos nossos amigos, que viajava pela província com um guia, ouviu uma noite, ao crepúsculo, uma voz quase humana e muito mansa que, em tom brincalhão ou talvez zombador, repetia:

— Ha-ha!

Ele olhou em volta, não viu nada e disse ao seu companheiro de viagem:

— Alguém parece muito surpreso; é por nossa causa?

O guia não respondeu. Continuaram a caminhar na planície deserta, isto é, onde as copas das árvores, mutiladas pela poda, transfiguravam-se no horizonte, embranquecidas à aproximação da lua, nas formas mais monstruosas e bizarras. A vozinha clara e suave seguia nossos viajantes e, a cada movimento de surpresa que nosso amigo fazia, repetia:

— Ha-ha! — De maneira tão zombeteira e alegre, que o viajante não pôde deixar de rir ao responder:

— Ha-ha o quê?

— Cale a boca, pelo amor de Deus — disse-lhe o guia, sacudindo-lhe o braço e persignando-se com devoção. — Não fale com ele, finja não o ouvir. Se você

responder a ele novamente, estamos perdidos!

Nosso amigo, que conhece bem as ideias do camponês, não insistiu e, quando se cansou do silêncio do escarnecedor invisível, disse:

— Isso — ele perguntou ao seu guia — é uma ave noturna, uma espécie de coruja?

— Sim! — respondeu o guia —, um lindo pássaro. É o lupeux! Ele começa brincando com você, ri, tira você do seu caminho, leva você embora e então fica com raiva e te larga para morrer em algum pântano.

Tal é, de fato, a especialidade do lupeux, um demônio tão espiritual quanto mau, que às vezes vimos empoleirado numa árvore retorcida, visto que ele próprio é um tanto torto, isto é, perverso desde o nascimento.

As pessoas que tiveram a imprudência de segui-lo e ouvi-lo se deram mal. Ele age contando uma espécie de conto engraçado ou uma fofoca sangrenta ou cômica, com o intuito de deixar quem o ouve curioso o suficiente para dizer a ele até três vezes: “E então?” ou “O que acontece depois?”. E então ele começa a balbuciar como uma pega, te presenteia com aventuras estranhas e escandalosas, promete te contar coisas que interessam à sua maldade natural ou ao seu ciúme conjugal. Uma vez em suas garras, não nos cansamos de ouvi-lo e questioná-lo. Ele o leva até a beira da água enganosa e lhe diz:

— Olhe!

Então a pessoa se inclina e vê espalhadas nas águas fantásticas imagens que perturbam sua imaginação; em seguida o pérfido lhe empurra, e quando a morte o abraça com seus braços gelados, você ouve o lupeux, empoleirado em um galho acima da água, digamos, em sua bela voz vil:

— Ha-ha! Bem feito para você!

No cantão de La Châtre, não são apenas os animais que voltam à vida, mas também a mobília. Enquanto o castelo de Briantes ainda era habitado, havia cenas do outro mundo. Um certo administrador camponês que queria se aprofundar nesses mistérios e os abordou com ânimo forte, teve de desistir. Havia, na sala mais alta, um calabouço de onde saíam, à noite, pavorosos clamores, gritos de animais, queixas humanas e grandes rajadas de vento que apagavam as luzes. Essas eram as almas do povo e das feras que haviam sido massacradas neste domínio pelos saqueadores Huguenotes e por cavalheiros impiedosos. Mas há mais, os móveis foram quebrados, atirados para fora das janelas e todo o possível saqueado, nesta época de calamidades também se ouvia o estilhaçar e arrastar de objetos invisíveis que pareciam prestes a se atirarem em você na beira da escada e ameaçando lhe atropelar.

O referido administrador, tendo enfrentado esses milagres por algum tempo sem receber nenhum dano, acreditava-se à salvo; mas uma noite, quando voltava

da feira e entrava na cozinha do Castelo para descansar e aquecer-se, a cadeira em que queria sentar-se virou contra ele, com os pés para cima. Quando ele resolveu puxar outra cadeira, todas as cadeiras e todos os bancos da dita cozinha precipitaram-se sobre ele e deram-lhe tantos golpes que teve de ceder e fugir; ainda mais quando os alfinetes e os cutelos se juntaram e perseguiram-no até o pátio.

A partir disso, era necessário concluir logicamente que as coisas inanimadas tinham o direito de reclamar e gritar à sua maneira, como as almas em agonia, e que não deveriam ser ridicularizadas mais do que os outros fantasmas.



### ***O MONGE DE ÉTANGS-BRISSES***

*Transeuntes que nos últimos raios do sol caminham pelos pântanos, cuidado com o monge gigantesco que de repente surge do meio de juncos. Fuja e não dê ouvidos aos seus malditos discursos!*

*Maurice Sand.*

Jeanne e Pierre se demoraram um domingo ao longo do Étangs-Brisses. É um lugar que não é alegre, principalmente à noite. Depois de passar pelo bosque, chegaram a um grande planalto nu, onde só há juncos, areia e grandes poças de água que se encontram na estação das chuvas e formam um lago cujo fundo parece todo preto.

No passado, um monge perverso, tomado pelo vinho, afogou-se ali com seu burro, por ter seguido por uma estradinha muito estreita coberta de água. O burro não se importou, não foi ouvido zurrar; mas o monge libertino estava condenado a sentir as agonias da morte e a angústia de sua última hora enquanto houvesse uma gota d'água no Étangs-Brisses. No entanto, embora as plantações invadam todos os anos as margens desses pequenos lagos, eles não parecem estar secando; então a tortura do monge ainda dura e vai durar até Deus sabe quando!

Jeanne estava bem ciente da má reputação dos lagos, mas Pierre não queria acreditar e não se importava. Ele também a impediu de pensar sobre isso, contando-lhe todo tipo de coisas que Jeanne achava belas e agradáveis de ouvir.

Estavam noivos e voltavam da cidade, onde haviam escolhido as vestes de casamento, ou seja, roupas novas, fitas e rendas para o grande dia. Caminhavam juntos, abraçados pelo dedo mínimo, como é o costume dos namorados, quando se viram na estrada com os pés presos na lama. No dia anterior, uma grande tempestade havia enchido o lago que transbordou um pouco.

— Você é um péssimo guia — disse Jeanne ao noivo —, não acho que esse seja o caminho certo.

— Espere até que eu reconheça o caminho — Pierre respondeu. Na verdade, o sol se pôs e os juncos estavam todos pretos, todos iguais uns aos outros. — Fique aí um pouco, vou ver se encontro o caminho certo.

Jeanne estava cansada; ela sentou-se no junco e olhou para o céu vermelho todo descascado, isto é, todo marmorizado de amarelo e marrom, e de repente ficou triste sem saber o porquê.

“Quando cair a noite”, ela pensou, “eu não gostaria de estar sozinha neste lugar ruim, onde o monge morreu. Espero que Pierre não se perca em meio à essas ervas daninhas!”

Ela o seguiu com os olhos, enquanto ainda podia vê-lo, e então ela o perdeu de vista e começou a tremer por todo o corpo.

De repente, ela viu um grande bando de patos selvagens voando, que passaram de seu lado fazendo barulho; e, levantando-se na ponta dos pés, viu Pierre voltando. Divertiu-se jogando pedrinhas na água para que com isso outros bandos de pássaros, que enchiam o lago enquanto a noite descia do alto do céu, levantassem voo.

Quando Pierre chegou ao seu lado, ele lhe disse:

— Estamos no caminho certo, e com um pouco de lama, mas ficaremos bem.

— Me deixe respirar um pouco já que andei rápido e, além disso, o lugar não é ruim para se descansar.

— Se é isso que quer, então tudo bem, meu Pierre, mas não gosto disso e o tempo está passando. Descanse rapidamente, quero sair antes de escurecer.

Quando Pierre se sentou no junco ao lado de Jeanne, disse a ela:

— Meu Deus, Jeanne, por quanto tempo fiquei caminhando? Parece que não te beijo há dois anos.

— Não diga isso — ela continuou —, você me beijou há menos de dois quartos de hora.

— Bem, minha querida, que mal há nisso?

— Não estou dizendo que há, já que vamos nos casar!

— Pois então, deixe-me beijá-la mais uma, ou sete vezes.

Jeanne se deixou beijar uma vez, dizendo que bastava. Ela não viu nenhum mal nisso, pois sabia que é permitido aos que estão no campo se beijarem

enquanto caminham na frente dos transeuntes, mas não é correto, nem honesto, esconder-se do mundo e parar em lugares por onde ninguém passa.

Pierre, que era um bom moço, isto é, sabendo se comportar em tudo da maneira correta, ficava feliz em ver Jeanne mantê-lo à distância. Ele somente brincava ao tentar ultrapassar um pouco os limites, apenas para ter o prazer de receber de vez em quando um bom tapa, o que é, como todos sabem, um grande sinônimo de confiança e amizade.

Mas agora uma voz, que Pierre não reconheceu, começou a falar com Jeanne como se fosse a de Pierre, enquanto uma voz começou a falar com Pierre como se fosse a de Jeanne, e ainda assim não era, e Jeanne não a ouviu. E então eles pensaram que estavam dizendo coisas um ao outro, que eles de fato não diziam, e se encontraram em uma péssima situação. Jeanne censurou Pierre por ser uma pessoa preguiçosa e por amar o cabaré; Pierre repreendeu Jeanne por ser namoradeira e por amar demais a bravura. Então os dois começaram a chorar e ficar de mau humor, não querendo dizer mais nada.

Mas o que é espantoso é que, não dizendo nada mais um ao outro, e não vendo seus lábios se mexerem, os dois ouviram uma voz muito abafada que falava como uma rã ou um sapo, e que dizia as palavras mais maldosas do mundo.

— O que vocês estão fazendo aí, crianças? De mau humor, em vez de aproveitar a noite e a solidão? Estão tolamente esperando o final da semana para se amarem livremente? O casamento é um belo absurdo! Acaso não sabem que o casamento é dor, miséria, brigas, preocupação com os filhos e dias sem pão? Vamos, vamos, inocente que você é! No dia seguinte ao casamento, você vai chorar se não lutar! Logo se vê que, ao ouvi-los falar sobre o futuro e a economia, vocês não irão se dar bem! A vida é tola e miserável, não se engane; nada há de bom senão esquecer o dever e o prazer irrestrito. Amem-se agora, porque se não aproveitarem a oportunidade que se apresenta, não a reencontrarão, e conhecerão de sua união apenas os golpes e os insultos, das flores da juventude restarão apenas as loucuras.

Jeanne e Pierre estavam com muito medo. Eles deram as mãos e se abraçaram sem ousar respirar. Jeanne não ouviu nada que a voz perversa estava dizendo a ela. As palavras passaram em seu ouvido como uma missa do diabo dita contra o bom senso; mas Pierre, que sabia mais da vida, ouvia, apesar do medo, e entendia quase tudo.

— A voz é feia — disse ele —, concordo, mas as palavras não são estúpidas, e se você acreditasse em mim, Jeanne, você a ouviria também.

— Se as palavras são bobas ou bonitas, eu não me importo — ela respondeu.  
— Elas me assustam, embora eu não as compreenda; é alguém que ri de nós porque estamos sozinhos presos em um lugar impróprio. Vamos rápido, meu

Pierre. Esta pessoa, seja ela viva ou morta, só quer nos machucar.

— Não, Jeanne, ela nos quer bem, porque tem pena do destino que nos espera, e se você entendesse o que ela está dizendo...

Em seguida, Pierre, sentindo-se possuído pelo demônio, segurou Jeanne, que queria ir embora, e o espírito maligno acreditou por um momento ser mais forte.

Mas não é permitido a essas raças más fazerem aos bons cristãos todo o mal que desejam. O monge libertino, vendo que Pierre estava lutando com a sua consciência, estava muito ansioso para tomar sua alma. Ele começou a cantar com sua voz de pântano, dizendo:

— Venham, venham, meus filhos lindos, não há necessidade aqui de velas ou testemunhas. Se você precisa de alguém para se casarem, posso dizer as palavras certas. Ajoelhem-se diante de mim e terão a bênção de Belzebu!

Dizendo isso, o monge saiu da água com sua grande cabeça coberta por um capuz enlameado.

— Vamos nos salvar — disse Jeanne —, tem uma ariranha que quer pular em nós.

— Não — disse Pierre —, vou acertá-la com a minha bengala. Mas quando ele se inclinou sobre a água se deparou com os olhos de fogo do monge, com a barba cheia de sanguessugas e sapos, seu corpo podre, pernas murchas, e seus dois grandes braços pingando musgo e lama que ele abriu como duas asas sobre as cabeças dos dois amantes, para consagrá-los a Satanás.

Mas Pierre, embora não fosse um covarde, ficou tão abismado ao ver o monge crescer, crescer, como se quisesse tocar as nuvens, que fugiu, gritando e correndo como uma lebre e puxando atrás dele a pobre Jeanne, mais morta que viva, mas que mesmo assim o acompanhava, com os pés molhados e cabelos esvoaçantes.

Correram até chegarem à casa dos pais sem virar a cabeça nem uma vez e sem se darem ao trabalho de dizerem palavras. Eles se casaram devotamente oito dias depois, sem terem ouvido o conselho do perverso monge que ficou, dizem, tão envergonhado por ter perdido sua presa, que permaneceu por um longo tempo sem ousar reaparecer e tentar novamente agarrar uma alma.

A crença no monge rude, que sai ameaçador e queixoso batendo à porta das casas durante a noite, e que não se retira até o amanhecer, soltando uivos horríveis, já foi proverbial. Foi contada por muito tempo em quase todas as províncias da França.

Temos muitas lendas sobre monges depravados e até sobre padres que quebraram seus votos. São poucos os presbitérios que não foram assombrados por essas almas em sofrimento, há cerca de vinte anos, e poucas as igrejas rurais onde a famosa missa expiatória que o falecido sacerdote não tenha aparecido

para tentar rezar e a qual não consegue terminar, a não ser que encontre uma pessoa viva de boa vontade que tenha a coragem de responder-lhe amém.



### **AS FLÂMULAS**

*Eles são espíritos provocadores e perniciosos. Assim que veem um viajante, eles o cercam até conseguirem exasperá-lo. Eles fogem então, arrastando-o para o fundo da floresta e desaparecem quando já o tem completamente perdido.*

*Maurice Sand.*

As tochas, ou flambas, ou flâmulas, também chamadas de “fogo louco”, são aqueles meteoros azulados que todos já viram à noite ou dançando na superfície de águas paradas. Diz-se que esses meteoros são inertes por si mesmos, mas que a menor brisa os agita e assumem uma aparência de movimento que diverte ou perturba a imaginação, conforme a tendência à tristeza ou na poesia.

Para os camponeses, são almas em sofrimento que lhes pedem orações ou almas perversas que os arrastam para uma corrida desesperada e os conduzem, depois de mil voltas insidiosas, para as profundezas da lagoa ou do rio. Como o lupeux e o fogo-fátuo, nós os ouvimos rir cada vez mais distintamente enquanto agarram sua presa e se aproximam do resultado fatal e inevitável.

As crenças variam muito sobre a natureza e as más ou menos más intenções das flâmulas. Existem alguns que se contentam em enganá-lo e que, para atingir seus objetivos, não têm vergonha de assumir várias aparências.

Diz-se que um pastor, que havia aprendido a controlá-los, fazia-os ir e vir quando queria. Tudo estava indo para ele, sob sua proteção. Seus animais

prosperavam, e quanto a ele, nunca ficava doente, dormia e comia bem, verão e inverno. No entanto, ele de repente foi visto ficando magro, amarelo e melancólico. Consultado sobre a causa de sua condição, ele relatou o seguinte.

Uma noite, quando ele estava deitado em sua cabana perto de seu jardim, foi acordado por uma grande luz e por fortes golpes no telhado de sua cabana.

— O que seria isso — ele disse, surpreso que seus cães não o tivessem avisado.

Mas, antes que ele pudesse se levantar, pois tinha dificuldades para tal, seu corpo pesava além da sensação de falta de ar, viu diante de si uma mulher tão pequena, tão pequena, tão pequenina e ao mesmo tempo tão velha, que ficou com medo dela, já que era impossível uma mulher ter essa altura e idade ao mesmo tempo. Ela estava vestida apenas com seus longos cabelos brancos que a escondiam completamente e deixavam à mostra apenas uma pequena cabeça enrugada e seus pezinhos mirrados.

— É isso, meu menino — ela disse —, venha comigo, é chegada a hora.

— É chegada a hora do quê? — disse o pastor cabisbaixo.

— Hora de se casar — ela continuou. — Você não me prometeu o casamento?

— Oh, eu não acredito! Como, se não te conheço e estou lhe vendo a primeira vez na minha vida?

— Está mentindo, lindo pastor! Você me viu em minha forma luminosa. Acaso não reconhece a mãe das chamas da pradaria? E você não me jurou, em troca dos grandes serviços que eu lhe prestei, fazer a primeira coisa que eu viesse lhe pedir?

— Sim, é verdade, mãe flâmula; não sou homem que retira sua palavra, mas jurei isso com a condição de que não seria contrário à minha fé cristã e aos interesses da minha alma.

— Pois bem, então! Por acaso vim te enfeitiçar como uma devassa da noite? Não vim à sua casa decentemente vestida com meus lindos e finos cabelos prateados e adornada como uma noiva? É à missa noturna que quero conduzi-lo, e nada é tão benéfico para a alma de uma pessoa viva do que o casamento com uma bela morta como eu. Pois então, você virá? Não tenho tempo a perder com palavras.

Ela estendeu a mão para o pastor, mas ele recuou com medo, dizendo:

— Não, minha boa senhora, é uma honra grande demais para um homem pobre como eu e, além disso, fiz votos a São Ludre, meu patrono, de me manter casto pelo resto da minha vida.

O nome do santo, junto da recusa do pastor, enfureceu a velha. Ela começou a pular, rosnando como uma tempestade e balançando os cabelos que, à medida que se esvoaçavam, mostrava seu corpo negro e peludo. O pobre Ludre (assim se

chamava o pastor) recuou horrorizado ao ver que se tratava do corpo de uma cabra, com cabeça, pés e mãos de uma mulher em decomposição.

— Volte para o diabo, sua bruxa feia! — ele disse chorando —, eu te nego e te conjuro em nome de...

Ele estava prestes a fazer o sinal da cruz, mas parou ao julgar que seria inútil, já que ao mero gesto de sua mão o demônio havia desaparecido, e tudo o que restou dela foi uma pequena chama azul que tremulou do lado de fora do jardim.

— Está bem, disse o pastor, fique flamejando pelo tempo que quiser, eu não me importo, e não me importo com seu clarão e suas travessuras.

Então, ele queria voltar para a cama; mas agora seus cães, que até então permaneceram em silêncio absoluto como que encantados, vinham em sua direção rosnando e mostrando os dentes como se quisessem devorá-lo, o que o deixou muito zangado, e então o pastor pegou sua bengala e bateu neles como castigo por seu mau comportamento.

Os cães se deitaram a seus pés, tremendo e chorando. Era como se eles lamentassem o que o espírito maligno os havia forçado a fazer. Ludre, ao vê-los apaziguados e submissos, resolveu voltar a dormir quando os viu se levantar novamente como animais furiosos e se atirarem sobre seu rebanho. Havia duzentas cabeças de ovelhas que estavam apavoradas e tontas, pularam como demônios por cima da cerca e fugiram pelos campos, correndo como se tivessem sido transformados em corças, enquanto os cães se viravam furiosos como lobos e as perseguiam, mordendo suas pernas e rasgando suas lãs que voava como nuvens brancas sobre os arbustos.

O pastor, com muita dor, não se deu o trabalho de calçar os sapatos e o casaco, que não vestira devido ao forte calor que fazia. Ele começou a correr atrás de seu rebanho, xingando seus cães que não o ouviam e corriam ainda mais, uivando como cães que correm atrás de lebres, e conduzindo o rebanho assustado diante deles.

E assim correram, rebanhos, cães e o pastor, e o pobre Ludre correu pelo menos doze léguas em volta do lago das flâmulas, sem conseguir alcançar seu rebanho, nem deter seus cães que teria matado para salvar seu rebanho, tamanho seu desespero, se os pudesse alcançar.

Por fim, ao amanhecer, surpreendeu-se ao ver que os rebanhos que pensava perseguir não passavam de pequenas mulheres brancas, compridas e esguias, que corriam como o vento e que pareciam não se cansar, tal qual não se cansa o vento. Quanto aos seus cães, ele os viu transformados em dois grandes corvos que voaram de galho em galho coaxando.

Com a certeza de ter caído em um ritual macabro, voltou exausto e triste à sua fazenda, onde se espantou ao encontrar seu rebanho dormindo sob a guarda de

seus cães, que vieram recebê-lo pedindo-lhe carícias.

Ele se atirou na cama e dormiu como uma pedra, mas no dia seguinte, ao nascer do sol, ele contou suas ovelhas e encontrou uma a menos do que esperava.

À noite, um lenhador que trabalhava ao redor do lago das flâmulas trouxe de volta a pobre ovelha afogada em seu burro, perguntando como ele mantinha seus animais e aconselhando-o a não dormir tanto se quisesse manter sua fama de pastor e a confiança de seus mestres.

O pobre Ludre estava muito preocupado com um caso do qual nada entendia e que, infelizmente para ele, recomeçou de outra maneira na noite seguinte.

Sonhou desta vez que um velho bode, com grandes chifres de prata, falava com o seu rebanho e que o seguiam, galopando e saltando como crianças em torno do vovô. Ele imaginou que seus cães foram transformados em pastores, e ele mesmo em uma cabra na qual esses pastores batiam e forçavam a correr.

Como na véspera, parou no início do dia, reconheceu as flâmulas brancas que já o haviam abusado, voltou, encontrou tudo sossegado na sua fazenda, dormiu caindo de cansaço, depois se levantou tarde, contou seus animais e encontrou novamente um a menos.

Desta vez, ele correu para o lago e encontrou a ovelha se afogando. Ele a tirou da água, mas já era tarde demais. Esses acontecimentos perversos duraram oito dias. Oito animais estavam faltando no rebanho e Ludre não sabia se sonhava que corria como um sonâmbulo ou se estava febril, sentia as pernas se mexendo e seu espírito doía, sentia-se tão cansado e tão doente que pensava que iria morrer.

— Meu pobre camarada — disse-lhe um velho pastor muito culto, a quem relatou seus problemas —, você deve se casar com a velha ou desistir de tudo.

Eu conheço essa cabra de cabelos prateados por tê-la visto atacando um de nossos mais velhos, que ela matou de febre e tristeza. É por isso que eu nunca pedi nada às flâmulas, embora pudessem me trazer muitos benefícios, e eu já as vi dançando com lindas garotas em torno das minhas terras.

— Será que não existe um amuleto para me livrar disso? — disse Ludre, triste.

— Já ouvi dizer — respondeu o velho — que quem quer que cortasse a barba dessa cabra desgraçada a governaria como bem entendesse; mas arriscamos muito, ao que parece, porque se lhe dermos a oportunidade, ela recupera sua força e torce seu pescoço.

— Bem, tentarei mesmo assim — continuou Ludre —, porque é melhor morrer assim do que definhar aos poucos como estou agora.

Na noite seguinte, ele viu a velha diante de uma chama se aproximando de sua cabana e disse a ela:

— Venha cá, a mais bela entre as belas, e vamos nos casar logo.

Como foi o casamento, nunca soubemos; mas à meia-noite, enquanto a bruxa dormia, Ludre pegou a tesoura para tosar as ovelhas e, de repente, cortou-lhe a barba tão bem que o queixo dela ficou completamente nu e ele ficou feliz ao ver que esse queixo era rosado e branco como o de uma jovem. Então lhe ocorreu a ideia de tosar todo o bode com o qual havia se casado, pensando que com isso poderia fazê-lo perder toda a sua feiura e malícia.

Como ela estava sempre dormindo, ou ao menos era o que parecia, ele não teve grande dificuldade em fazer a ceifa. Mas quando acabou, a única coisa que sobrou da ceifa foi seu cajado e ele percebeu que estava sozinho, deitado com seu cajado.

Ele se levantou muito preocupado com o que essa nova peça poderia significar, e seu primeiro cuidado foi contar seus animais, que por acaso eram duzentos, como se nenhum tivesse se afogado.

Apressou-se, então, a queimar todo o cabelo da cabra e agradecer ao bom São Ludre, que já não permitiu que as flâmulas continuassem a atormentá-lo.



### ***LOBISOMENS***

*Os lobisomens são animais fantásticos que, à noite, ficam ao longo das paredes dos cemitérios uivando para a lua. Eles se assustam com facilidade e, se alguém passa, fogem gritando:*

*— Robert está morto, Robert está morto!*

*Maurice Sand.*

Você não deve olhar muito para as grandes paredes brancas ao anoitecer, muito menos ao luar. Pode se deparar com um lobisomem. Na Normandia e em várias outras províncias, o lobisomem caminha ao longo das treliças, mal sabemos para que fim, senão para impedir que as crianças roubem as uvas. Ele seria, portanto, um daqueles espíritos guardiães que descendem de forma direta, assim como os outros modismos domésticos, dos venerados lares da antiguidade.

Seja como for, seu rosto é muito feio, o suficiente para fazer com que alguém morra de medo ao insistir em estudar seu perfil, cuja sombra se vê nas paredes. Os gregos e romanos tinham uma imaginação engraçada; eles povoaram as árvores, as águas e os prados com encantadoras divindades. A Idade Média obscureceu todas essas aparências benignas. O catolicismo, incapaz de erradicar essas crenças, apressou-se em torná-los feios e transformá-los em demônios e feras, a fim de desviar os homens do culto dos representantes da matéria.

No entanto, falhou em torná-los odiosos e perniciosos, e muitos dos Espíritos

da Noite permaneceram inofensivos. Basta que tenham consentido em assumir formas bizarras e repulsivas que os impedem de seduzir humanos.

Os lobisomens são desta família. Espíritos tristes, sonhadores e estúpidos, passam a vida conversando em uma língua desconhecida ao longo dos muros de cemitérios. Em alguns lugares, são acusados de entrar nas covas e roer os ossos ali depositados. No último caso, eles pertencem à raça dos licantropos e lobos, e deveriam ser chamados de lobisomens. Mas entre os lobisomens, existem aqueles que não fazem mal algum e fogem ao menor ruído<sup>12</sup>.

No entanto, não adiantaria falar com eles. Eles têm um certo mistério a respeito de Robert le Diable (o diabo) ou qualquer outro Robert cuja lenda não conseguimos descobrir, e esse mistério talvez esteja relacionado à humilhação de uma figura horrível e a angústia do tormento perpétuo do medo.

Seriam eles os descendentes dos famosos irmãos Lubin e lobisomens de Rabelais? Quem ficará suficientemente apaixonado por esta pesquisa etimológica para descobrir?

Não sei se foi com lobisomens que teve de lidar o pequeno alfaiate corcunda de Saint-Bault. Pode-se acreditar que sim, dadas as circunstâncias de sua história. Aqui está o que consegui coletar.

Certa noite, quando nosso corcunda passava pelo cemitério, ele viu ali um bando de espíritos em forma de bestas feias, que pareciam cachorros de pelagem preta ou lobos, e que, para facilitar nossa história, chamaremos de lobisomens, embora não lhe sejam atribuído um nome específico.

Talvez esses espíritos bestiais fossem de uma raça menos ousada que os lobisomens comuns — ou o alfaiate era tão feio, tão feio, que os faziam parecer cristãos — permaneceram imóveis enquanto ele passava diante deles. Contentavam-se em olhá-lo com os olhos que brilhavam como sangue ardente, e abrindo a boca feia que tinha tamanho mau hálito que o alfaiate ficou zozzo.

Porém, como estava apavorado, por tê-los notado apenas quando já estava no meio de uma fileira deles, e a distância a se percorrer tanto para recuar quanto para avançar era tamanha, que não ousou se arriscar a ofendê-los tapando o nariz; ele então continuou andando com toda a sua coragem.

Esta atitude agradou aos lobisomens, que pensaram ser uma forma de cumprimentá-los, e como não estão acostumados a ver pessoas passarem por eles, orgulharam-se e todos começaram a colocar a língua para fora e a abanar o rabo como cães, o que para eles também aparentemente é um sinal de contentamento e orgulho.

O alfaiate tentou relatar sua aventura, mas todos os seus vizinhos riam dele, dizendo que ele poderia muito bem encontrar o diabo pessoalmente e assustá-lo, já que ainda seria o mais feio dos dois.

Como o nosso corcunda ia durante o dia a uma pequena propriedade a três horas da aldeia, e tinha que voltar pelo caminho que acompanha o cemitério, achou melhor dormir onde estava. Mas o meeiro disse-lhe com desdém:

— Não, não, tu és um pouco diabólico, sendo assim temo pelas mulheres da casa, não dormiria em paz sabendo que está tão perto das minhas filhas. Se você estiver com medo de ir, um dos meus rapazes irá levá-lo. Beba enquanto espera, quando bebe sua língua trota de uma forma divertida e gostamos de ouvir o seu balbuciar.

Na verdade, o corcunda era um falador agradável. O vinho do meeiro era bom, e nosso homem se esqueceu até as dez da noite em tão boa companhia. Quando chegou a hora de ir embora, ninguém foi encontrado para conduzi-lo, todos os rapazes estavam dormindo, e ele próprio se sentia tão consolado com a bebida que não tinha mais medo de partir sozinho.

Chegou sem medo até a grande muralha, persuadindo-se de que havia sonhado o que vira na véspera e olhando para todos os lados, com a confiança de que, purificado pelo vinho, nada veria mais do que a sombra das árvores, projetadas na parede branca pela lua e agitadas pelo ar noturno.

Mas ele viu os lobisomens em pé em frente à parede, assim como no dia anterior.

— Veja só! — disse o pobre corcunda para si mesmo —, eles ainda estão lá! Tenha coragem! Se eles não me machucarem mais do que ontem, não vou morrer.

E ele começou a assobiar uma canção, pensando que aquelas feras, encantadas em ouvi-lo, iriam agir educadamente, mostrando a língua e abanando o rabo.

Mas esse assobio, longe de encantá-los, parecia preocupá-los muito, pois um deles se desprende da parede, pôs-se de quatro e, o outro, embora andasse rápido, cheirou-o da cabeça aos pés. Tinham o hábito de farejarem uns aos outros, para saber se eram inimigos ou companheiros.

Então veio um segundo que fez o mesmo, e um terceiro e outro, e todos um após o outro, de forma que enquanto passava pela parede o alfaiate trazia todos esses animais atrás dele, sem saber se queriam comê-lo ou comemorar, sentiu suas pernas ficarem moles como as patas de um mosquito.

Podemos imaginar que ele não conseguia mais assobiar ou cantar. No entanto, ele ainda estava avançando, tendo ouvido que esses animais não saíam do comprimento da parede onde estavam acostumados a fazer a vigília. A ele, faltavam apenas cerca de cinco ou seis passos para dar, quando todos se colocaram diante dele, de pé, rosnando, enfurecidos e mostrando presas amarelas de fazer saltar o coração.

— Senhores, senhores, me deixem passar — disse o pobre alfaiate

amedrontado. — Eu não lhes farei nenhum mal, portanto não me machuquem.

Mas os lobisomens rosnaram ainda mais alto, até rugirem como leões. Parecia que a voz humana os havia deixado em grande turbulência e com muita raiva.

De repente, o alfaiate teve uma ideia:

— Senhores — ele disse —, não me comam! Sou magrinho e horrível como podem ver! Se me pouparem, juro trazer aqui amanhã uma ovelha gorda cujas costelas vocês lamberão.

Os lobisomens voltaram imediatamente para as quatro patas sem dizer uma palavra, e o alfaiate passou correndo, sem olhar para trás.

Ele se jogou na cama, entorpecido de medo, e teve febre por oito dias sem conseguir sair da cama, tremia e balbuciava que via lobos ou cães raivosos atrás dele, então lhe trouxeram um padre para tentar acalmá-lo.

Mas quando o padre ouviu sua confissão e o repreendeu por ser tão covarde a ponto de prometer uma boa ovelha a esses demônios sujos, uivos abomináveis foram ouvidos ao redor da casa do alfaiate, e toda a vila pôde ver nas paredes desta casa, não os corpos dos lobisomens, pois não teriam ousado chegar tão perto de um lugar onde o pároco estava, mas suas sombras tão bem desenhadas que causaram arrepios e faziam com que o sangue congelasse no coração. As sombras pareciam vir de nuvens que se movimentavam pela superfície da lua, e então se moveram, pularam, arranharam a terra e se mordiscaram, em figuras tão nítidas quanto uma pintura, na empena do alfaiate e até mesmo nas casas vizinhas.

E isso aconteceu todas as noites durante a semana em que todos, até mesmo o padre, estavam muito assustados.

Já o corcunda, que não era tolo, vendo que ali havia diabrura e que os exorcismos do padre nada podiam fazer contra as aparições que não tinham corpo, resolveu atrair os lobisomens por meio de uma armadilha, e assim que conseguiu se levantar, pegou emprestado uma bela ovelha gorda, que amarrou à noite em sua porta. Então, tendo avisado o pároco para ficar ali pronto com seu aspersório, e a todos os vizinhos para se esconderem debaixo do arbusto em seu jardim com suas armas carregadas de balas sagradas, ele começou a fazer balir as ovelhas mostrando-lhe algumas folhas verdes.

Assim, os lobisomens, ouvindo isso, não puderam deixar de sair de sua parede e se aproximar, com pequenos passos de lobo, da casa, onde foram tão bem recebidos que todos fugiram, exceto uma fêmea velha que recebeu um tiro no coração e caiu no chão, gritando com uma voz humana:

— A lua está morta, a lua está morta!

Nunca soubemos o que ela quis dizer, exceto pelo fato de que ela tinha uma lua branca na testa e que entre seu bando poderiam ter lhe dado o nome de “lua”.

Sua cabeça e patas foram cortadas, e há muito tempo foram vistas pregadas na porta do cemitério de Saint-Bault, onde os lobisomens nunca mais ousaram aparecer.

---

<sup>12</sup>Em algumas localidades, o lobisomem é um demônio muito bom que protege os lavradores.

LENDAS  
*George Sand*  
RÚSTICAS

